

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JACQUELINE MAGALHÃES PAIVA

TRAÇADOS EM COMUM:

Experiências em uma clínica a céu aberto

SANTOS

2021

JACQUELINE MAGALHÃES PAIVA

TRAÇADOS EM COMUM:

Experiências em uma clínica a céu aberto

Trabalho de conclusão do curso de
Psicologia da Universidade Federal de São
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira
Henz

SANTOS

2021

PAIVA, Jacqueline Magalhães.

TRAÇADOS EM COMUM: Experiências em uma clínica a céu aberto / Jacqueline Magalhães Paiva; Orientador Alexandre de Oliveira Henz; Santos, 2021. 90 p; 30c

TCC (Graduação - Psicologia) - Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2021.

1. Clínica. 2. Comum. 3. Simpatia. 4. Rua. 5.Outrem. I. Henz, Alexandre de Oliveira, Orient. II.Título.
2.

CDD150

AGRADECIMENTOS

Alexandre Almeida	Flávio	Luana	Rafaela Camargo
Alexandre Henz	Família da Mayara	Luciane Nega Maluca	Rita
Aline	Gabi SS	Maranhão	Rogério
Andrea	Gabi Toledo	Mari	Rogério, meu irmão
Andressa	Govinda	Maria	Sardinha
Ângelo	Guilherme	Marilda	Simone
Ângelo	Meus pais, Iracema e José Dias	Marquinho	Sueli
Barbi	Isa Boitar	Matheus	Tati, minha irmã
Brendon Lee	Jéssica	Maurício	Thuanny
Brener	João Victor	Mayara	Tias da limpeza
Bruna Corrêa	Jorge	Meninas da cantina	Tias do bandeirão
Carmem	Ju Menezes	Michelly	Turma 11
Carol	Julio Bomfim	Nati	Valdir
Carolzinha	Karol	Nayara	Velhinho
Dani	Katinha	Pati	Vó Julia
Décio	LAB TAZ	Paulo das caronas	Zé Firmino
Edjânio	Letícia	Pessoal da rua	Zezé
Eduardo Carvalho	Liegggy	Pessoal do CNV	
Fabiano	Lorena	Profs do curso e do instituto Saúde e Sociedade	
Fabio	Lu Werneck	Rafael	

Os escritores que chamamos eternos ou simplesmente bons, e que nos inebriam possuem um traço comum extremamente importante: rumam para um lugar determinado e nos chamam para lá [...] os melhores entre eles são realistas e escrevem sobre a vida como ela é, mas uma vez que cada linha está impregnada, como se fosse de uma seiva, pela consciência da meta, nós, além da vida como ela é, também pressentimos a vida tal como deveria ser, e isso nos cativa. E nós? Nós! Nós escrevemos a vida tal como ela é e não damos nem mais um pio. Mesmo chicoteados, não avançaremos um passo além daí.

— ANTON TCHEKHOV

RESUMO

Tramar relações e produzir um território atravessado pelas ações sistemáticas de redes de proteção social, reabilitação psicossocial e filantropia, entre experimentações de um estágio do curso de Psicologia da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) que exercita uma clínica comum, a céu aberto, na Bacia do Mercado Municipal de Santos. Esse campo problemático inscreveu em mim processos já em andamento que tentei ampliar, desdobrar, movimentar e analisar nesta pesquisa. A aposta dessa investigação foi a produção de questionamentos vitais, interferências mediadas por uma experiência clínica que não teve o objetivo de melhoramento ou de empreitar a vida de alguém, mas de acompanhar, produzir e acolher desassossegos, criações, alegrias, danações. Foi uma possibilidade de histórias serem contadas, desejos serem produzidos, e que novos territórios e resistências ao presente fossem construídos. A investigação operou com narrativas verossímeis e gestos possíveis que tatearam vidas nessa clínica de experiências em comum, uma antenagem de movimentos. Tratou-se de uma pesquisa que escavou uma saída que escapasse do reconhecimento imediato, naturalizado, de uma vida que se apresenta e suas queixas. Para negociar com isso, houve um exercício para desinvestir técnicas normatizadas e saberes estanques, foi uma tentativa de uma clínica ímpia, amoral, sem culpa, nem pena. Nem sempre deu. Os gestos e caminhos percorridos expressaram uma simpatia possível entre as capturas da recognição, tentando sustentar uma presença, manejando e investigando entre camadas em mim da moralidade, do obscuro, das lamentações, do sutil, do insignificante.

Palavras-chave: Clínica. Comum. Simpatia. Rua. Outrem

SUMÁRIO

1- ABERTURAS, UMA CLÍNICA SEM CULPA E SEM PENA	8
2 - POR UMA VIDA SEM EMPREITAR O OUTRO	19
3 - MOVIMENTOS EM UMA CLÍNICA COMUM A CÉU ABERTO.....	35
4 - MODOS E INTENSIDADES DE EXISTÊNCIA	61
5 – FIM DE PARTIDA, MANTER-SE EM LIGAÇÃO	84
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

1- ABERTURAS, UMA CLÍNICA SEM CULPA E SEM PENA

Encontrei o problema contemporâneo de que: (...) o contrário da pobreza não é a riqueza, mas a miséria e que, das três, somente a pobreza tem o sentido interessante. A pobreza designa o estado daquele que pode usar tudo não tendo nada como próprio e a miséria o estado daquele que não pode usar nada, seja porque tenha em excesso, seja porque o tempo lhe falte, seja porque sem comum.

— TIQQUN

Uma noite de chuva em Santos do fim de março. Iam chegando no saguão da universidade alguns operadores sociais, viventes da rua, filantropos, estudantes e docentes. A ocasião os reunia para o evento de encerramento das chamadas “cartografias sociais da população de rua”, uma atividade que fazia parte dos estudos de uma pesquisa censitária na cidade.

Além de apresentar algum resultado dessas cartografias em sentido restrito, que mapearam territórios dessa gente da rua, o evento servia também para apresentação coletiva dos serviços, fossem eles do SUAS, do SUS ou da filantropia, todos na região da Bacia Mercado Municipal de Santos. Assim, logo no começo desse encontro, o microfone foi para as mãos dos trabalhadores dos serviços para que falassem sobre seus trabalhos e sobre aquilo que eles acreditavam ser as atuais demandas de seus atendidos.

Com o microfone na mão, alguém disse:

— Olha, apesar de todos os debates em torno de um tema tão importante como esse, a população¹ de rua das grandes cidades, um problema sério em nossa

¹ A partir do final do século XVIII, os viventes inseridos em um meio não são meramente organismos individuais, mas uma população. Acerca do contemporâneo o grupo anônimo comitê invisível diz que:

sociedade capitalista, desigual, ainda percebo muitos cometerem o erro de chamá-los de “moradores de rua”. A rua não é casa, a rua não é família². Ninguém nasce na rua. Assim, o correto é serem chamados de pessoas em situação de rua.

Na sequência, outras falas:

— É impossível trabalhar para e com essa população e não ter clareza de suas demandas. Eles possuem demandas muito claras, duas, no caso, moradia e trabalho. Somente através de trabalho e moradia dignos essas pessoas vão se reestabelecer e se reinserir na sociedade. Sem isso, nosso trabalho é apenas o de enxugar gelo.

— Em nosso serviço, o foco é proporcionar aos moradores de rua autonomia, independência³. Eu diria até mais, diria que ali nós trabalhamos para que no menor tempo possível nós não sejamos mais necessários.

“Já não há “a população” genérica. Há a jovem “classe criativa”, que faz frutificar o seu capital social, cultural e relacional no centro das metrópoles inteligentes, e todos os que se tornaram tão claramente “inempregáveis”. Há vidas que contam e outras que nem vale a pena contabilizar. Há *populações*, umas de risco, outras com forte poder de compra.” (Comitê Invisível, 2016, p. 145)

² O que parece estar naturalizado é que a família é o lugar “originário” de todo e qualquer vivente, sem falar do lugar óbvio, evidente e a-histórico do trabalho.

³ Com a questão da autonomia, poderíamos pensar que as redes de vida passam por um campo de dependência-independência das instituições e outros lugares de apoio que podem se constituir em *comunidades de relação*? Poderia tratar-se de um comum menos colonizado pela lógica do *indivíduo* independente sustentando um movimento de manter-se em ligação? Manter-se-iam em relação também com os serviços e redes? Seria preciso considerar que pode haver coexistência de lógicas, a dependência (que enfraquece) e o manter-se em relação, encavalados? De certo modo, esta concepção de dependência com a qual trabalhamos, parece ligada à missão da independência do cidadão, o que opera também um moralismo, certo automatismo da linguagem do campo social, da saúde, assistência e das pesquisadoras. Esse discurso, assim como nossas próprias questões na pesquisa, poderia reforçar a reconhecimento, certo reconhecimento, circunscrever o que se passa a partir do que sabemos. Os serviços, principalmente com as Organizações Sociais (OS), cumprem projetos, metas com a aposta de tornar independentes os munícipes. Para não fortalecer a dependência, o assistencialismo, corre-se o risco de investir a figura do dito indivíduo independente, o *self made man*, essa noção liberal que implica alguém que se fez e se mantém por conta própria. É interessante pensar que nas práticas de uma clínica comum pode haver ecos dessa ideia e mais ainda na assistência social em que se crê tornar independentes e autônomas a população em situação de rua.

— Criação e fortalecimentos de vínculos é a base do nosso trabalho... Buscamos ser o elo⁴ entre esses indivíduos, a sociedade e a família⁵. Reconstruímos vínculos que há muito tempo foram perdidos ou destruídos pelas vulnerabilidades sociais e pelo uso abusivo de drogas. É um trabalho de formiguinha, mas só assim é possível trabalhar para transformar as vidas das pessoas em situação de rua, reciclar essas vidas...

Após este bloco dos trabalhadores, os que vivem nas ruas foram convidados a falar a respeito da participação nas oficinas e de suas experiências de vida nas ruas. Vi Carlos levantar, pegar o microfone e fazer uma fala bastante inflamada, com alguns trejeitos que me lembrou um militante político latino-americano da década de 1970 falando para uma massa de correligionários sobre os direitos e deveres de alguém que vive na rua. Ele seguiu nessa linha até quando mudou de tom e de ritmo e encerrou a fala dizendo:

— Mas de verdade, o que eu sei é que eu preciso de ajuda, porque, apesar de tudo que sou e de tudo que sei, eu descobri que não consigo fazer nada sozinho.

...

Esse evento foi marco de um primeiro período de movimentos de aproximação das pessoas e das relações que sustentam alguns territórios

⁴ Acerca do problema dos agentes públicos serem “elo entre esses indivíduos, a sociedade e a família interessa considerar uma lógica que emerge, aponta Foucault: “mais especificamente, a partir do século XIX, em que todo agente do poder vai ser um agente de constituição de saber (...). O saber funciona na sociedade dotada de poder e é enquanto saber que tem poder” (FOUCAULT, 1998, p. XXI).

⁵ O analisador familiarismo veio ao encontro desta pesquisa enquanto pensava em nossas práticas: voltar para uma casa, certa noção de sujeito e de relações do tipo familiarista, certas políticas de amorosidade-caridade etc. Baremblytt diz que “um analisador não é necessariamente um discurso, mas pode ser um monumento, um objeto, a forma como está elaborada a planta arquitetônica da organização, pode ser uma característica dos modos de relação que não está formalizada nem anunciada em parte alguma, ou seja, pode ser um costume e não uma norma, nem uma lei; pode ser um arquivo [...] um analisador não é apenas uma fenômeno cuja função específica é exprimir, manifestar, declarar, evidenciar, denunciar. Ele mesmo contém os elementos para se auto entender, ou seja, para começar o seu próprio esclarecimento” (BAREMBLYTT, 2002, p. 63-64).

existenciais na região do mercado municipal de Santos, um lugar intensamente marcado pelas ações sistemáticas de redes de proteção social, reabilitação psicossocial, filantropia, e com ampla ramificação da universidade, seus saberes e influências.

Eu chegava aos poucos, tateante, e com todos meus canais abertos, como estagiária do primeiro ano de estágio, um ciclo básico de estágio do curso de psicologia, em um projeto que exercitava uma clínica de experiências em comum e a céu aberto com toda e qualquer vivente que constitua territórios em torno do Mercado.

Era um projeto de estágio em atualização, o qual vinha marcado por uma temporada anterior de experiências e de encontros pela música e pelo cinema com quem quer que estivesse e passasse pela calçada do Mercado Municipal e quisesse ficar conosco, por duas quase três horas nas noites de quinta-feira. Foram cerca de seis meses de ações semanais, das quais eu participei voluntariamente. Na maioria das vezes, quem chegava junto era quem vivia ali nas calçadas da região.

Nessas noites, muita coisa aconteceu, muito se movimentou em mim. Foram encontros importantes, tanto que, para continuar por ali, eu optei por esse projeto de estágio durante minha escolha de campo de estágio. Assim, quando esta pesquisa aqui estiver concluída, serão mais de dois anos e meio me relacionando com esses lugares, em ciclos que parecem não ter fim de agenciamentos e conspirações.

Só que não é simples chegar. Não é simples viver esses ciclos, dar os passos, as fintas, os saltos necessários para criar alguns movimentos nas relações que por vezes parecem marcadas a fogo e ferro. Muitas vezes, percebi os parceiros de trabalho se sentindo tristes, culpados, revoltados e cheios de um propósito restaurador-reformista diante daquelas vidas e daquele território de *gente pobre*. Tipos de sensibilidades, de aberturas, de pactos, de dobras. Pensar sobre quem chega, como chega e como se estabelece, me lembra uma cena com o Barbosa, quase um ano depois daquela minha chegada.

Debaixo do sol do alto verão de Santos, que esturrica o coro e esgota as forças, ali naquela zona do Mercado em que quase não se encontra uma sombra quando a tarde vai se encaminhando, eu e Josi encontramos o Barbosa. Estávamos indo para uma reunião do Jornal Vozes da Rua ali na rua e ele já estava na esquina do Bom Prato esperando por nós. Veio inteiramente sorrindo dar um abraço apertado em cada uma de nós:

— Ah, que bom ver vocês! Sabe, eu não me canso de falar sobre o quanto vocês mudam a vida da gente... Vocês são muito especiais mesmo. A gente não tem nada para dar em troca e mesmo assim vocês estão aqui, poderiam estar em qualquer outro lugar, mas estão aqui ajudando nós que não temos nada para dar em troca para vocês.

— Ah, é um trabalho, né, Barbosa... Sou santa, não. A Josi por exemplo recebe para estagiar aqui. E a gente cria coisas muito importantes juntos e isso já é muito, faz tudo valer a pena – Eu respondi atravessado ao elogio dele, sem pensar muito.

Barbosa também rebateu de pronto, dizendo:

— Tá, é um trabalho, eu sei, mas pensa bem, Jacque, quantas pessoas você conhece que aceitariam um trabalho como este? Que fazem bem um trabalho como este que vocês fazem? Quem é tá aqui hoje? Isso não é pra todo mundo, não.

Não é para todo mundo, realmente. Há quem não suporte certa sujidade da vida. Mas há também ali uma presença interessada em reconhecer e resolver os problemas, em apontar demandas e distribuir avaliações e procedimentos em prol da recuperação daquelas vidas. Vi muita gente ao meu lado dizendo de pronto, no primeiro encontro com aqueles viventes, o quanto são invisíveis, miseráveis, injustiçados e que precisam de casa-família-trabalho para então finalmente voltar a viver.

Penso que desde o convite do prof. Alexandre, feito com o cuidado de apontar que era o caso de ir até lá encontrar, ir lá e ver lá o que e quem encontraríamos, já me indicou um trajeto menos capturado por sistemas fechados para o mero reconhecimento e para uma relação objetual e psicologizante diante dos movimentos de vida daquelas pessoas. Eu atendi de pronto ao convite. Sou interessadíssima por encontros, fico feliz e forte por causa deles. Daí a provocação do Barbosa: outros corpos, com marcas distintas da minha, com outras sensibilidades, atenderiam a esse convite?

Meu corpo vem passando por profundas preparações e atualizações a aberturas inespecíficas, a sutis simpatias aos mais diversos modos de existência, a conexões dendríticas para aproximações pele-a-pele, para o contágio. Mas já vinha essa abertura, já vinha um *drive*. Pelo menos é desta forma que eu lembro e esqueço de determinados acontecimentos, organizo dados e crio uma narrativa pontual e verossímil sobre minhas sensibilidades. Desde minha infância é notório como eu opero máquinas, lido com animais, com plantas, e me conecto com bebês por puro conhecimento pático, por captura e codificação de seus sinais, por conexão rápida de vias largas de alta sensibilidade. Diziam que era um tipo de dom, o meu dom. Da minha família matriarcal de estirpe sertaneja, veio meu corpo amarelo de gente safa e difícil. Gente com casco nos pés de andar pela terra seca sob sóis ardentes de uma savana antiga que se atualizara em caatinga e que depois se reatualizou no concreto da periferia da periferia da cidade de São Paulo. De onde eu venho a gente é bicho velho e forte.

Nasci atrelada a uma existência muito frágil em um mundo incontornavelmente incontrolável, trágico. Com muita inconstância e fraquezas, durante a década de 90, eu crescia em meio às crises que cercavam os brasileiros, em especial os mais pobres. Fui ficando atenta, muito atenta aos sinais e aos movimentos do mundo ao meu redor: o dinheiro escasso que comprava pouco; o medo perturbador da anunciada globalização que vinha e estava destruindo o país, colocando minha família em apuros, uma vez que meus pais trabalhavam nas firmas e indústrias que estavam indo embora da cidade, do país, em postos que máquinas ou o dumping social da Ásia iriam substituir. Faltava gás, faltava luz, faltava escola, faltava saúde, faltava emprego, faltava ar. Eram tempos melancólicos demais para uma criança.

Então uma professora me indicou para uma escola pública de classe média no centro da cidade, na oitava série, antes que eu fosse para colégio estadual do bairro, um lugar de abate, de fim de linha, de transição da infância para a violência da idade do trabalho. Quanto espaço, quantas possibilidades os adolescentes de classe média têm, percebi nesses novos territórios. Eles podiam tanto e eu podia tão pouco... Mesmo essa transferência para a escola pública de classe média, foi penoso conseguir, eu fui à revelia de meus pais, que tinham para si que meu futuro era começar a trabalhar cedo, mesmo antes de terminar o ensino médio, pois se era

assim com todos, também planejavam que seria assim para mim. Contra todos, eu fui.

Pouco tempo depois do início desse intercâmbio, eu já estava bastante aperfeiçoada na arte de roubar. Nesses novos territórios, como que me vingar do atraso, fui tomando as coisas para mim; eu roubava, consumia, tragava até o último sopro tudo do que os filhos da classe média já estavam fartos. Todo o rock, todo o pop, toda a literatura, toda a arte, todos os presentes da civilização europeia. Tomei tanto que até consegui chegar na Universidade de São Paulo, na FFLCH, no curso de história. Entretanto, eu cheguei lá sem a menor ideia do que seria aquela graduação naquela universidade. A minha intenção era viver a experiência de ir para a universidade pública e de escapar dos tentáculos da minha família, do meu bairro, do meu canto naquele mundo velho. Escolher o curso era acessório, e as opções eram poucas, apesar da minha nota alta no vestibular, que permitia que eu tivesse passado no vestibular em cursos mais concorridos. As opções de carreira possíveis para mim pareciam poucas, porque o mercado de trabalho era um fator de muita relevância. E o que eu conhecia como casos de sucesso na ascensão social era um monte de professores, de contadores e de advogados. Disso, eu pensava que seria possível, e sem maiores danos para mim, sair da graduação com um lugar na classe média baixa se escolhesse uma licenciatura. E eu gostava e me dava bem na escola com a disciplina escolar história.

Foi na USP que conheci e me relacionei com o inimaginável. Apenas lá dentro, roubando e destituindo agora a nata da sociedade paulistana, é que percebi que eu estava errada, que as pessoas de onde eu venho são induzidas ao erro de pensar que viver é um ato melancólico, pois o mundo não é triste, o mundo é grande demais, e eu poderia ainda mais se eu continuasse roubando e me infiltrando em seus meios e lugares demarcados.

Eu fiquei pouco tempo especificamente apenas no curso de História. Foi preciso pouco tempo ali para que eu percebesse todo o fardo que a FFLCH e o curso de História carregam por não conter qualquer abertura para atualizações para além do legado de seus fundadores, os franceses da escola de Annales. Historiador ali é aquele que se torna erudito em toda a história que conforma a humanidade. Eu entendi que ali se busca formar um especialista rigoroso. E não havia nada menos desejado por mim no início dos meus vinte e poucos anos que ser uma especialista.

Eu queria experimentar tudo, saber de tudo um pouco; eu queria o máximo possível de encontros.

Seis anos e então, depois de todo o contágio e toda a errância, incluindo aí centenas de vacilos, de quedas, mas também de presentes, de conexões valiosas, já tinha abandonado completamente o curso de história e me aproximava do curso de psicologia. Isso porque, já me considerando uma desertora do feminismo e da esquerda política hegemonicamente classista-marxista, eu queria entender e interferir e transformar os conflitos, os meus, os nossos, os das mulheres, os dos pretos, os dos pobres, os dos índios, e os dos que queriam conseguir conviver com o maior número de pessoas. Eu sonhava com comunidades e já percebia que não era exequível construir comunidades apenas entre os iguais, teríamos que achar um lugar possível para a convivência e para a transformação de conflitos ou outra coisa em que se valha que a diferença não apenas fosse destacada apenas para que aceitem e valorizem as minorias políticas. E talvez o curso de psicologia me habilitasse para interferir de alguma forma a criar isso, sendo uma profissional disso.

E então foi a saga de voltar a estudar para me preparar para os vestibulares. No entanto, desta vez, eu estudei detalhadamente os projetos político-pedagógicos de muitos cursos de graduação em Psicologia das universidades federais como estratégia para não repetir o grande equívoco de escolher um curso de graduação clássico, digo, que preze e assegure a tradição, o que significa uma invariabilidade dos problemas a serem trabalhados e desenvolvidos durante a formação dos estudantes. Eu queria um curso contemporâneo, múltiplo e o menos orgulhoso possível de tradições.

Eu optei pelo curso de psicologia na UNIFESP. A história do curso, suas ênfases, os eixos comuns e a ampla perspectiva do trabalho em saúde me atraíram de imediato. E estou cada vez mais satisfeita com essa minha escolha. Parece que a formação insuficientemente boa que encontramos nesse curso tem me tornado forte, em especial quando percebo os efeitos de uma formação fortemente específica nos colegas de profissão que encontro pela vida.

Aqui no curso da Baixada Santista foi possível o contato com membros do corpo acadêmico que fazem movimentos interessantes para dar jeitos e abrir espaços diante da impossibilidade real de uma formação completa e fechada. Eles acertam demais nas pistas, nas demarcações instáveis e porosas, bem como nas tábuas que deixam e apontam trajetos possíveis diante dos percursos que

percorremos ao longo dos módulos e dos eixos. Deste curso de psicologia, eu percebo que cada formando sai diferente do outro, e eu penso que isso é muito bom.

Estas são algumas marcas em mim. Trazê-las foi um esforço de obter algumas indicações sobre que marcas constituem esse corpo que se tensiona ao se implicar em algumas ações e intervenções voltadas à dita população de rua; ações e intervenções como as contadas na narrativa do evento das cartografias do censo, as quais retomam e revalidam, por exemplo, valores familiaristas que constroem a meta da reabilitação para uma existencialização neoliberal voltada à independência pessoal através do trabalho.

Estes mapas aqui abertos além de serem constituídos por percursos, por campos de força e por movimentos que foram atualizando *softwares* importantes, trazendo outros *códex* aos canais de entrada e saída por onde sinais têm espaço para contato privilegiado, dados são codificados e impulsos são gerados em meu corpo. Que *corpação* é essa que chega naquele território e que continua a atualizar-se? Possivelmente algumas dessas atualizações são responsáveis por pegar e alertar dos códigos de sistemas e lógicas éticas, estéticas, políticas baseadas na *filiação* e no *reconhecimento*. Mecânicas, estruturas de ações que capturam nossas sensibilidades e a nós impõe metas específicas diante de vivências e daquilo que é afetação, é encontro, é acontecimento, especialmente quando o outro, aquele vivente das calçadas, cria e efetua movimentos *aberrantes* em seus modos de existências singulares⁶ que a nos impõe experiências-limites e desterritorializações impactantes, dolorosas.

Entretanto, apesar dessa grande preparação, foi preciso bastante tempo e muitos interlocutores para que eu pudesse criar alguns pontos de inflexão diante de tantas intensidades e dos afetos que rebatem e atravessavam meu corpo. Marcas que iam sendo inscritas pela presença e implicação nas interferências de uma clínica comum, a qual partilha e convive e *hackeia* territórios penetrados pelas

⁶ “Um movimento aberrante não é aquele que parece anômalo do ponto de vista de um padrão externo e regular, embora isso também possa acontecer. Mas, sim, aquele que não pode ser apreendido racionalmente, embora possua sua lógica própria. Quantos movimentos há no pensamento, nas artes, na vida, que não podemos explicar, que não podem ser reduzidos a seus antecedentes, a suas causas, que extrapolam nossa capacidade de análise, de deciframento, de tradução? Não significa que eles não tenham lógica. Eles têm seu modo de funcionar ou disfuncionar, sua maneira de dobrar-se ou desdobrar-se, sua gênese singular; percorrendo seu caminho, liberam um movimento aberrante, produzem ao redor um abalo, uma ruptura, um desregramento. Deixam vazar algo que extrapola nossa capacidade de compreender, de sentir, de pensar, levando-nos a um limite” (PELBART, 2019, p.269).

lógicas e sistemas dos saberes da universidade, da psicologia, da assistência social, da militância e das políticas e guerrilhas neoliberais. Em uma clínica a céu aberto que trama relações que não tem como objetivo o *melhoramento* ou o *empreitamento* da vida de alguém, mas o acompanhamento de desassossegos, criações, dores, alegrias, possibilitando que histórias sejam contadas, desejos sejam expressados e produzidos, e que novos territórios e resistências ao presente sejam construídos.

Essas experiências me colocaram em processos formativos que tentei ampliar e problematizar neste que é um texto de uma pesquisa. Aqui partilho narrativas, pequenas cenas, modos de ver e sentir que conduzem a experiências, uma tentativa de acesso a um plano comum de sensibilidades, sentidos e composição de territorialidades. Neste trabalho o importante é que as narrativas sejam verossímeis e arrastem experiências e conhecimentos páticos, uma vez que não buscam retratar – na perspectiva empirista ou positivista - a dita *realidade* clínica ou o chamado *fato* social vivido pelo grupo e por mim. Aqui, as noções de realidade e verdade são problematizadas na produção de dados e narrativas que enredam a ideia de verossimilhança. Acerca disso, João Adolfo Hansen (2006, p. 71) diz que:

[...] a verossimilhança é uma relação de semelhança entre discursos. Ou seja: a verossimilhança decorre da relação do texto não com a realidade empírica da sociedade do autor, mas da sua relação com outros discursos da sua cultura, que funcionam como explicações ou causas da história narrada, tornando-a adequada àquilo que se considera natural, habitual e normal que aconteça na realidade e como realidade. A ficção é verossímil quando o leitor reconhece os códigos que julga verdadeiros e que são aplicados pelo autor para motivar as ações da história.

Assim, não é esperado que ao final apresentem-se aqui verdades, conclusões taxativas ou soluções para os atuais funcionamentos em relação à dita população de rua, e muito menos a um conjunto vago e generalista de questões que confirmem modelos teóricos preexistentes. Busco a transversalidade entre o que é escrito e as afetações diante do que é experienciado e efetuado pelos movimentos clínicos, ampliando problemas vivos, de forma que os conflitos, os enigmas e os problemas restem em aberto (BARROS & KASTRUP, 2014). Tampouco interessa a manutenção de políticas de inimizade típicas da política neoliberal ou das políticas

*anti*⁷, que transformam o que deveria ser um campo de negociação em uma batalha entre adversários intransigentes. Talvez o que mais queira com isso tudo seja desdobrar uma clínica sem culpa e sem pena.

⁷ Acerca da crítica ao negativo, ao opositivo, ao “anti”, Eduardo Viveiros de Castro diz que: “para suplementarmos o imaginário crítico do “anti-” cuja dominância exclusiva e muito ocasional sucesso produziu situações deprimentemente parecidas com aquilo contra o que se lutava (o anti, sempre meio que acaba como antes) - com um imaginário do “alter-” (cf. o altermundialismo), positivo antes que apenas opositivo, possibilista antes que necessitarista, um imaginário *lateral* ou *transversal*, um desvio não pavimentado que nos tire de nossa milenar autoestrada messiânica e nos conduza a outros possíveis “humanos”, possíveis que compõem (...) o “o espaço do ingovernável”, aquilo que não se deixa domesticar por qualquer dispositivo político atualmente existente, em particular pela forma-Estado(...). A alteridade e a multiplicidade como forças revolucionárias. A revolução, ou a essa altura será melhor dizer, a insurreição e a alteração começam pelo conceito (CASTRO, 2012, p.155).

2 - POR UMA VIDA SEM EMPREITAR O OUTRO

Como uma política que seja unicamente voltada à completa fruição da vida é possível nesse mundo?

— AGAMBEN

Alguns dias são muito difíceis. Em nosso percurso no estágio isso aconteceu algumas vezes. Tempos vagos, insuportáveis, para *nada*. Por um determinado período, me decepcionei, fiquei frustrada, com raiva porque o trabalho não acontecia. Parecia uma longa preparação, também estávamos estagnadas, resistentes, provavelmente um pouco de tudo isso. Em um desses dias difíceis, eu saí da supervisão de estágio para uma pausa necessária, precisava de um cigarro para amolecer os nervos. Desci as escadas, cruzei corredores e já na calçada, do lado de fora, uma zona de aproximação entremuros da universidade, do porto, da decadência da antiga Vila Rica, mas agora Vila Matias e Mercado, uma área de fumantes de todos os tipos de coisas de se fumar. Chegando lá, encontrei uma professora do curso de serviço social:

— Ué... ce voltou a fumar? – Perguntei.

— Tem dias que não tem como não fumar – a professora responde, soltando fumaça por todas as ventas, como se incendiada por dentro.

— Eu bem sei, prô...

Como você está? – perguntei, enquanto nos cumprimentávamos com beijinho e abraço.

— Eu to cansada, eu to com raiva e sei lá mais o quê! Olha, eu nunca imaginei que estaria vivendo o que vivo hoje depois de tudo. É 2019 mas nem parece! E ninguém faz nada, o que me deixa com mais raiva ainda... Ninguém faz absolutamente nada para tentar mudar tudo de ruim que acontece!

Outros dois estudantes de Serviço Social se aproximavam de nós e assim formamos uma rodinha na calçada.

— Eu também to com muita raiva. — Respondi. E continuei:

— As coisas não andam porque as pessoas decidem esquecer de fazer as coisas... Não cumprem acordos... Resistem a todo custo. Sabem e não fazem. Não sabem, portanto. Enfim, tempos longos, coisas do estágio...

— Que estágio, Jacque? Um dos estudantes me pergunta.

— Aqui no território... Vila Nova e Vila Mathias, população de rua... População dos cortiços... Redes. Uma clínica a céu aberto...

— Ah... — Quase todos respondem. Viraram os olhos. Entreolharam-se.

— Pois é... — A professora começou e foi ficando vermelha e aumentando o tom de voz — Fui chamada um tempo desses para fazer um cine-debate voltado para a população de rua do Mercado sobre Direitos Humanos. Palhaçada, né?! Eu, assistente social, militante, marxista! Como fazer isso? A pessoa tá lá sofrendo, passando fome, abandonada por um Estado omissivo, completamente invisível, e eu querendo passar filme e debater Direitos Humanos?! É ridículo!!

Os estudantes abrem meios sorrisos. Olham para mim. Um deles diz:

— Né, professora, é cada coisa! Esse povo pós-moderno se esquece da materialidade da vida. A pessoa tá lá passando fome... vida destruída... sem emprego... sem casa... E o que eles fazem? Lutar pelas pessoas que não, né?

— Sim, passando fome! Eu não vou mais, porque, do jeito que eu sou, eu tiro do meu bolso! Vem me pedir dinheiro no meio da conversa, no meio do filme, e eu faço o quê?!, Vou dar dinheiro, vou buscar comida, né, vou tentar garantir o mínimo de direitos, não tem como deixar a pessoa ali passando fome! Essa gente toda sofrendo e eu lá com o cinema?! É inócuo! E mais que isso, é outra violência contra

essa pessoa, é violento! É perfumaria! Depois dessa eu decidi nunca mais participar dessas coisas⁸.

Olharam para mim buscando minha reação diante das provocações. Olhei de volta em silêncio. Preferiria não, pensei. Entrar nessa seria entrar na *mania de ter razão*.

Mais fraca que cheguei, termino meu cigarro, digo que preciso voltar:

— Deu minha hora, até mais colegas.

Miserável, me senti a pessoa mais sozinha do mundo, atravessei de volta aqueles corredores lembrando de um encontro com um vivente da rua, poucos dias antes. Ele, que conversava com outra estagiária, se aproxima de mim:

— Ei, você, me fala uma coisa: o que você acha que é o maior problema de morar na rua?

— O maior problema?

— É!

— ...

⁸ Acerca do problema da perfumaria: "(...) é possível enumerar um outro complicador, que decorre deste modo de fazer e dispor a geografia das aproximações nesta clínica não convencional a saber, a precariedade de serviços e recursos oferecidos no âmbito da saúde e da educação pública. Precariedade, no que tange a sua acessibilidade material (vagas para atendimento) e/ou substancial (relevância e sustentabilidade das propostas), e que torna compulsória a pasteurização de programas que à menor diferença que queiram implantar são achatados pela ideia totalizadora de *faltar o básico*. Tomado por fundamento universal, sobre este básico tudo deve erigir-se e, portanto, dele tudo mais deve proceder. Enquanto este *básico* não estiver idealmente organizado e funcionando (resquício retardado da sociedade do "bem-estar social" e dos regimes disciplinares), as propostas que assumam outras direções, fora das instituições formais, veem-se numa atadura em que acabam por inviabilizar—se ou permanecer em posições secundárias, quase supérfluas: perfumaria. Na prática, no cotidiano das relações profissionais, seja no campo da saúde ou da educação, isto acentua políticas dicotomizadas, desprezos e anulações de exercícios de derivação taxados como descomprometidos com a gravidade da situação social, tomada em sua pressuposta universalidade" (INFORSATO, 2010, p.21).

Bem....

— Vai, me diz... Chuta...

— Difícil de responder, mas eu vou tentar: dias de frio e chuva?

— Não!

— Então... Dormir no chão? Os bichos?

— Hahaha Não mesmo!

— É... Falta de grana?

— Fia, eu cheiro pó o dia todo quando eu quero. Falta de grana não é um problema, sempre se dá um jeito pra conseguir seu dinheirinho.

— Eita... Então eu não sei... Rsrs... Mas me diz aí, pra você, qual é o maior problema de morar na rua.

— Falta de higiene!

— Ham?

— É isso mesmo, falta de higiene, não ter como fazer minha higiene, cuidar de mim. Eu, por exemplo, to aqui conversando com vocês e me sentindo mal porque sei que estou cheirando mal, porque estou com bafo, porque posso estar incomodando vocês com essa catinga, essas roupas sujas... Eu sou da Baixada, do Guarujá, de ali depois das barquinhas, conhece ali? Minha filha vira e mexe vem atrás de mim, pra me ver, saber como eu estou, ficar um tempo comigo. E eu odeio isso. Não quero que ela me ache assim, porque eu estou bem, eu quis vir pra cá... Sabe, eu amo minha filha demais, não quero que ela me veja como um miserável ou tenha nojo de mim. Eu tava falando agora com a sua colega sobre isso. Você também é psiquiatra? Aliás, ela é xará da minha filha, a Dani. Tô vermelho de tanto

chorar, porque conversando com a Dani eu percebi que maltrato minha filha quando ela vem aqui pra ela não voltar mais. É... eu não quero que ela me veja assim, sujo, fedido, como se não valesse nada. É bem simples a coisa no fim das contas. É esse o maior problema de morar na rua.

Ele me disse assim, de uma vez, de um fôlego só, como se concluísse a conversa que tivera imediatamente antes nessa *clínica a céu aberto*, durante uma roda de música na calçada do Mercado.

Apesar de tudo o que dizem de piedade por quem dorme nas calçadas e não tem um lugar privado para cuidar de si, eu mesma nunca vi um morador de rua passando fome de comida, entretanto, eu já presenciei inúmeros momentos de fastio. Laços rompidos? Frequentemente o que vejo são relações dos mais diversos tipos e demonstrações públicas de carinho, separações, homens se abraçando e se beijando no meio da rua depois de longa ausência de um, brigas e ameaças de morte que dividem o território em dois ou três. Faltas? O que vejo constantemente são excessos, dos mais diversos.

Todavia, certa ética militante permite apenas que se reconheça esses viventes das calçadas e marquises como seres *da falta*, vidas repletas de lamúrias e carências a serem preenchidas. Com Nietzsche e Deleuze, Peter Pelbart (1997), acerca dos sacerdotes da falta, neopentecostais, assistenciais e psis, diz:

O sacerdote precisa da lamúria, ele cultiva a lamúria alheia, ele aprofunda esta lamúria. Veja todas as igrejas concretas, os reinos universais, as igrejas universais do reino de Deus etc. Eles cultivam a lamúria, aprofundam a lamúria, é aí que eles são chamados para aliviar a dor eles aliviam, porém, intensificam a dor, eles intensificam, porém, aliviam, vivem disso é esse o comércio deles. Mas eu estou falando não dos padres agora, para a gente ampliar a visão de sacerdócio do meio psi, temos muitos sacerdotes, muitíssimos sacerdotes.

Há uma história clínico-política da produção da falta, um problema histórico-político do desejo produzido como falta, um platonismo caduco, como se ao desejo faltasse o seu objeto para se realizar enquanto vontade, uma ideia que pode se conectar com a história da militância. Acerca da militância, Luís Claudio Figueiredo (1993) a designa como uma espécie de sintoma da vontade, um modo de existência

pouco capaz de acolher experiências de impotência ou de diferenciação senão como catastróficas ameaças de desagregação do eu em meio ao mundo em degradação.

A militância moderna emerge com a perspectiva humanista, sendo orientada pela produção do eu liberal, autocontrolado, voluntarista, e que suporta mal as propriedades acontecimentais da existência. Os gestos e discursos militantes são sintomas de uma época, século XIX e primeira metade do século XX, e de uma série de sofrimentos que lhe são inerentes e dizem a respeito de um homem fraco e da morte de Deus diante de um mundo ordinariamente trágico.

Sobre os efeitos da militância moderna, penso com Figueiredo (1993, p. 110) quando diz que

o eixo do 'serviço prestado' reivindica para o militante a condição de 'verdadeiro sujeito' por ser o intérprete e campeão abnegado de uma causa a cuja vontade ele se assujeita integralmente, incorporando-a e renunciando a qualquer direito individual. É neste contexto que se elaboram os vínculos de cega obediência ao partido e em que se fazem ouvir, como em nenhuma parte, as vozes da *disciplina*. Coube sem dúvida ao gênio de Lenin a articulação destas peças aparentemente contraditórias na construção de um personagem quase real (o militante marxista-leninista) destinado a habitar um mundo extraordinário (o do centralismo democrático). É claro que o tipo fica sujeito a toda sorte de declinações. É possível fazê-lo pender para o vértice liberal e ver em seguida emergir um 'desvio voluntarista'; ou fazê-lo pender para o vértice romântico e ver emergir o 'desvio espontaneista'; finalmente, se pender para o lado disciplinar, veremos, talvez assustados, surgir a temível figura do burocrata de aparelho.

Todavia, não se trata de dizer que militar é bom ou ruim, ou supor-se fora de compromissos políticos, tudo é político, mas estar atento aos efeitos. Há muito destes modos de funcionamento, ainda que craquelados, fragmentados, e que pensam desejam em nós hoje na clínica, alguns mais sutis outros mais acachapantes, certa política de produção da falta, carência, sobrecarga militante e missionária, todas forças em agonística, em embate, infletindo a cada vez e a cada caso na clínica, na rua.

— Como podemos aceitar que vivam nas ruas? Precisamos fazer algo por eles! Restaurar os sonhos, restaurar o desejo! - Ouço estarrecidas as almas quando

digo, a partir dos encontros com os que vivem nas ruas, que penso que estar na rua pode ser uma forma não de dizer não, de dizer sim - sem pesar excessivamente no eu, na consciência e na vontade⁹ -, isto é, é um modo de existência.

— A Fábrica de Criatividade do Mercado...

Isabela ia dizendo.

— É a porta de saída da Assistência Social da cidade. Para cá, são encaminhadas as pessoas em alta vulnerabilidade social e econômica da região.

— Porta de saída?

— Sim, é a porta de saída porque é o último nível dentro da rede da assistência social. Recebemos usuários que são encaminhadas por técnicos que já estão trabalhando com essas pessoas dentro de outros equipamentos e serviços da assistência social e da saúde mental. Aqui, nessa Fábrica de Criatividade - temos outras duas dessa na cidade -, nosso objetivo é o desenvolvimento de habilidades que permitam que esses usuários saiam da assistência por terem conseguido uma recolocação no mercado de trabalho.

— Então quem se interessa por marcenaria ou por panificação não pode vir aqui direto para se inscrever em uma nova turma?

— Não, não pode, precisa ser encaminhado. Até porque, para chegar aqui, os usuários devem ter atingido um determinado ponto dentro do projeto de mudança de

⁹ Não se trata de mera escolha ou vontade individual o que supõe um sujeito no sentido forte, romântico-liberal, um eu: " (...) o conceito de "Eu" reúne (sintetiza) estados antagônicos numa unidade fictícia, cuja expressão se dá como consciência do poder "da vontade", ou melhor, como consciência da "liberdade". A partir daí, a complexidade constitutiva da vontade passa a ser pensada no registro-síntese operado pela "falsa" impressão da unidade do "Eu". O essencial consiste aqui num processo de unificação e identificação, cujo efeito principal é a simplificação do que é complexo" (GIACOIA, 2006, p. 69).

vida, como não fazer mais uso abusivo de drogas ou ao menos estar nesse processo. Eles já estão em outra etapa de vida...

— Outra etapa de vida?

— Sim, é preciso esforço para sair do círculo vicioso. Veja, uma vez, uma pessoa em situação de rua me disse algo que eu nunca esqueci e que eu costumo citar para explicar nosso trabalho. Foi muito elucidativo. Esse senhor, que eu acompanhava em outro serviço, um dia vira pra mim e diz: “Poxa, Isabela, como você quer que eu queira sair da rua, mudar de vida, se eu consigo comer, dormir e sustentar meu vício fazendo o menor esforço possível?”. Entende a situação? O assistencialismo pode ser prejudicial a partir de uma fase. Disso, o fluxo que nós temos. Tiramos os usuários da rua para dentro dos serviços de abrigamento, ali começamos com a reabilitação e reinserção social deles e, por último, aqui, tentamos a recolocação no mundo do trabalho ou da geração de renda.

Restaurar, reinserir, renovar, revitalizar. Interferências que compõem o jogo de tirar, inserir, empreitar:

É frequente certa impetuosidade humanista e personalista [que] advém da necessidade em reagir; a ideia de uma meta traçada antes de estar diante de alguém. A tentação em empreitar a vida do outro, em fazer dela um grande projeto faz o pensamento restringir-se às finalidades dos gestos depois de terem sido feitos, ignorando que quaisquer conclusões que levem a certos gestos em relação a outrem, mesmo diante dele, são provisórias e insuficientes, quando não equivocadas. Não fazer nada. Simplesmente estar com alguém e estranhá-lo (INFORSATO, 2010, p. 144)

André me encontrou em frente à universidade, na improvisada área dos fumantes, que fica na mesma calçada da entrada do prédio. Estava mal, rosto

machucado, muito drogado, roto, tropeçando em seus próprios pés. Eu nunca lhe encontrara assim antes. Perguntei:

— O que aconteceu, André?

— Aaaaaa eu não aguento mais... já briguei com todo mundo no Mercado, nem posso voltar lá agora senão eu vou perder a minha cabeça, eu não sei mais o que fazer, estou prestes a cometer uma besteira. Já é a terceira volta que dou aqui na universidade procurando um de vocês. Desculpa te atrapalhar, as meninas que estavam com você até foram embora, mas eu preciso falar um pouco, eu até falei lá no CentroPop que eles precisam ser como vocês, aliás, vocês que deviam trabalhar lá, aquela vaca da minha assistente social não merece trabalhar lá, e é isso que ela não entende, que eu vou processar ela, vou abrir um processo no ministério público para ela ser exonerada, exoneração de cargo é o nome do que aquela vaca vai receber, já pedi as imagens das câmeras e tudo, eles não me levam a sério, ela vai ver do que eu sou capaz, não vai ficar assim, você é que tinha que trabalhar lá, você sabe tratar as pessoas como gente, eu já falei que eles pensam que eu não sou ninguém, mas eles não sabem com quem estão falando, eu tenho um corpo docente do meu lado, eu tenho um juiz lá em São Paulo, isso não vai ficar assim!, aaaah você não tem ideia de como eu odeio aquela filha duma pu/, tampa os seus ouvidos, aquela filha da puta, desgraçada, é isso que ela é, uma filha d/

— Caramba, André. Você brigou com todo mundo hoje, foi? Como foi que você levou esse corte na cara?

— Não se preocupa com isso que isso é outra coisa! Foi ontem e já está resolvido. Vou levar o caso para os irmãos e tenho certeza de que isso vai ser cobrado. Tá tudo certo já, o meu problema agora é outro. É lá com aquela assistente social. Era coisa fácil, eu já disse que não posso mais, que preciso sair, preciso mudar, mas é tudo fachada aqui lá, só fachada, nunca tem nada, e ela acha que pode me tirar de otário, aaaaah, vai achando, ela não sabe que é só eu chamar um juiz que ela vai ser exonerada na hora! Ela q/

— Exoneração talvez seja radical demais. A gente pode tentar por outras vias. Posso tentar mediar isso. O que você foi pedir lá e o que aconteceu?

— Era a coisa mais simples do mundo, mas ela é uma covarde que não me ajuda por pura birra, porque eu não abaixo a cabeça, não sou malandro, mas também não sou trouxa. Se ela é minha assistente social ela tinha que me atender, mas ela não... nem que eu tenha que levar o caso até a ONU, na UNICEF, porque é de lá que vem o dinheiro que paga essas coisas e lá eu tenho certeza que vão me ouvir e acabar com essa palhaçada, é palhaçada isso, eles não vão gostar nada de saber o que está acontecendo com o dinheiro que eles mandam pra Santos, tá pensando que eu não sei os meus direitos, eu sei, eu não nasci ontem, eu tenho 29 anos de estrada pra essa louca vir me tirar de besta! Tá me tirando...

— Você tem 29 anos?

— Não, eu tenho 38 anos. 29 só de estrada. E você?

— 32. O que é isso que você disse, 29 anos de estrada?

— É de estar nas mãos dessa gente. E nunca dá certo sabe por quê? Porque eles não são bons trabalhadores que nem vocês. Vocês, e eu vou lutar pra isso, vocês é que deviam estar lá, ganhar um salário bom que nem aquela vaca, tampa os ouvidos de novo, aquela puta salafrária que ganha um salário gordo por mês para não fazer nada, nada, nada! Mas ela vai ter o que ela merece, vai receber a carta com o aviso de exoneração, que é isso que o juiz faz, ela que aguarde, eu sei todos os caminhos, vai vir, eu mesmo vou subir amanhã para São Paulo pra resolv/

— André, quanto tempo faz que você não dorme?

— Tem dias já que não durmo.

— Por quê?

— Porque eu não consigo parar de beber e usar drogas.

— Que drogas?

— Pó.

— Como que você consegue dinheiro? Pó é caro.

— Ah... nem tanto, às vezes tem os de 5 conto. Eu fico magueando.

— Magueando?

— É, de maguear... pedir esmola...

— Pó de cinco conto não existe. Nem de longe é cocaína. Por isso que você está todo estourado e nessa rebordose monstruosa.

— Eu estou podre né?

— Eu nunca te vi desse jeito.

— Acho que a última vez que fiquei assim eu fui parar na clínica dos evangélicos. Lembra, eu te contei.

— Lembro.

— Eu só queria ajuda. Foi por isso que fui lá no Centro Pop. Eu nunca vou lá, não gosto, é sempre a mesma coisa, sempre sou maltratado lá, não é aqui como com você. É assistente social, mas de assistente e de social não tem nada.

— O que é uma assistente social pra você?

— Assistente social é tipo um assistente, um auxiliar, alguém que ajuda outro. Tipo um assistente de pedreiro. O pedreiro pede e o assistente faz ou traz. Social significa que é do povo né, do povo que é pobre, fudido, abandonado pelo Estado.

Daí eu vou lá porque eu preciso urgentemente das paradas, peço as coisas e ela não faz nada. Tá certo isso? Se eu peço uma cama ela tem que me trazer essa cama.

— Eu acho que a assistente social do serviço não tem poder para te dar tudo o que você pede.

— Ah não! Não me venha você defender aquela mulher agora! Pensei que eu podia contar com você!

— Pode contar comigo, mas pra isso eu também preciso poder contar com você pra que eu possa conversar com você sem que você me odeie quando eu te disser coisas que você não quer ouvir. E eu nem entendi o que você foi pedir lá ainda. Que ajuda foi essa que você estava precisando?

— Deixa pra lá! Você já começou a defender ela. Não tem outro jeito, vou ter que ir atrás do juiz lá de SP.

— O que você foi pedir lá?

— Coisas simples, documentos, uma vaga aí pra sair da rua. Meu histórico de escola. Porque para conseguir um emprego eu preciso desses documentos e a minha assistente social só me enrolou, não vai fazer o que tem que fazer, e eu não tenho para quem pedir, só preciso disso para completar minha lista de documentos para ser aceito como estivador, tá tudo certo já, a vaga já é minha, alguns documentos meus estão lá já, só tenho que pagar 150 reais por mais um documento e pronto, vou começar a trabalhar, 5 pau por mês já me garantiram, já é meu, vou conseguir comprar um apartamento, um carro zero, zerinho, viajar, dar rolê, vou estourar nesse mundão fia, você vai ver, serei um novo André, vou conseguir ir atrás dos meus filhos, e tudo mais, mas pra isso eu preciso de umas coisas e aquela vaca não me ajuda.

— Péra. Deixa eu entender. Você foi pedir ajuda para mudar de vida e não recebeu o que queria...

— Só do jeito que se é recebido ao entrar lá você já sabe que não vai conseguir nada...

— Você não conseguiu porque não é a sua assistente social que vai te dar uma vida nova zero bala, André. Não dá pra fugir de algumas coisas, do que você tem hoje, de onde você está hoje. Eu concordo que lá eles poderiam cuidar melhor das pessoas, mas lá o que eles podem dar é restrito, tem a ver com o quanto de verba que a prefeitura disponibiliza para a população de rua e por um acompanhamento a longo prazo, é uma caminhada mudar de vida assim, de pouquinho em pouquinho, que você tem que começar a investir nos serviços, lá no CentroPop, lá no CAPS.

— Eu nem sei mais o que eu quero, fia. Vou caçar um buraco que só fiquei mais confuso. Não estou conseguindo nada nesses dias. Nada.

— E o que você achou que poderia ter quando veio me procurar desesperado?

— Nem eu sei... – disse André e se despediu.

Provavelmente ninguém sabe muito bem, há tantas misturas de enunciados, o dos direitos individuais, o do emprego com documentos, o do carro zero e das viagens, os filhos, o do poder de demitir, uma máxima impotência que tenta reclamar aliados com o máximo de poder e muito mais.

Nesse encontro, ao invés de levar a luz da universidade e da clínica, foi essa modalidade viril que se viu revirada ao avesso. Meus pequenos exercícios e contornos de uma clínica comum a céu aberto se viram desmanchados em meio a esses esgarçamentos e tropeços meus e de André. Enfim, há algo que sucedeu à revelia, pelas costas, quando já estávamos exauridos, quando algo ali naquela

clínica nunca existiu e ou já caducou, quando também saiu da linha nessa bizarra conexão entre a potência e a impotência.

Talvez nesse dia desesperado ele pudesse ter uma escuta precisamente para nada:

Interferência e produção de pensamento pedem um “para nada” que é insuportável na ambiência universitária ou na dos serviços. Pedem que se faça um exercício, uma tentativa-experiência de “desastre”, de perder o astro – no sentido de algo que guia -, não se tratando das chamadas experiências exitosas, demasiadamente predeterminadas. Isso envolve ligações complexas, experimentações sem garantias, não necessariamente projetos com suas intencionalidades. Pede talvez uma leveza e inteligência de outra ordem que não compõem com o arrivismo e a meritocracia – podendo implicar uma gratuidade que não se inscreve na lógica da comunicação ou da finalidade; um jogo esvaziado precisamente da finalidade, uma espécie de “para nada” que não lhe retira, mas justamente imprime intensidade. Na ausência de finalidade podem instaurar-se experiências que ativam o corpo-desvago como possibilidade de invenção de si (HENZ et al, 2017, p. 100)

Quinta-feira, depois da reunião para organização do evento de lançamento do jornal Vozes da Rua junto ao da Semana da Consciência Negra, a ser realizado ali no Mercado, eu tive a oportunidade de conversar com Hugo e Malu, em algo que chamamos de reunião técnica do Grupo de Quinta.

Malu era quem ditava o tom da conversa confidenciando a nós todos os embates que ela sofreu nas últimas semanas com a direção do centro espírita. Rica em detalhes, ela contou como foram as reuniões para o que seus chefes estavam chamando de “reenquadre” dela nas atividades da instituição. Queriam que ela abandonasse o envolvimento com o setor de Pop de rua e ficasse apenas com a república de idosos e o centro de convivência:

— Me perguntaram que resultados eu estava tendo com a pop rua. Quantos eu já tinha conseguido tirar da rua... Foi muito difícil explicar para quem trabalha voluntariamente com a população de rua há mais de dez anos que não é assim que a banda toca... O trabalho é ali, ombro a ombro, de formiguinha, no dia a dia.

Enquanto conversávamos, fui caçando brechas para que Hugo também falasse. Eu sabia pelos bastidores que ele também estava sendo cobrado, que sua chefia não estava satisfeita com seus resultados enquanto coordenador de sua equipe. Disseram-me tê-lo visto chorando e angustiado em sua sala. Eu estava preocupada com ele.

Quando finalmente se abriu, ele nos disse:

— É verdade, a situação pra mim também está difícil... até incerta... Hoje, por exemplo, último dia do mês, eu deveria entregar alguns resultados e fiz menos da metade. Mas, veja, essa é minha sala e em vez de ficar sentado em frente ao computador eu prefiro estar com as pessoas. Estou aqui com vocês, logo mais aparecem mais usuários me procurando, e se hoje fosse dia de roda de música eu estaria lá na rua com vocês. São as minhas escolhas, minha ética...

Na mesma sala, no sofá da outra parede, estavam reunidos uma técnica, uma estagiária e dois usuários do serviço. Um desses usuários, o Geraldo, tinha chegado em frangalhos e querendo desistir da vida por causa de traição que sofreu enquanto estavam ele e seu parceiro construindo juntos um futuro fora das ruas. Pararam para conversar ali na sala do Hugo, uma sala espaçosa, colorida, com um sofá acolhedor, murais com fotografias e textos, muitas cadeiras. No começo havia um choro copioso, agora já estavam rindo entre si.

— Mas, olha, não precisa se preocupar comigo. - Hugo continua - Eu estive pensando em como seria possível sustentar essas minhas escolhas e talvez seja entregando o cargo de chefia. Veja, eu fico na corda bamba por causa de 400 reais a mais por mês no meu salário. Não compensa. Voltando a ser um operador social, o que eu nunca deixei de ser, eu consigo manter todas essas minhas atividades, esses encontros, essa disposição - coisas que verdadeiramente importam para mim e que são o que eu considero meu trabalho.

Não fazer obra com a vida de outrem (INFORSATO, 2010), sem melhoramento da existência, nem meta. Os atendimentos que têm como anteparo do encontro o cadastro, o profissional de referência, o dia da semana em que se

atende tal tipo de público e tal tipo de demanda. Um ritmo de trabalho que tem como cadência uma meta a ser cumprida. Um empobrecimento do acompanhamento de vidas quando entendido como a construção de um projeto de vida para sair da rua, com seus passo a passo: teto, trabalho, família. A meta atinge todos e fazer gol nessa partida não é fácil, como diz Gilberto Gil. A meta, uma lata que contém o incontível.

Nessa perspectiva o escritor e dramaturgo russo Anton Tchekhov escreve em carta ao seu editor Suvorin: “É um bebereão inveterado, eu lhe servi uma limonada convencional, e você reclama com justiça que nessa bebida não tem álcool. Nossas obras carecem exatamente de álcool, **que inebria e cativa, e isso você dá a entender perfeitamente.**” Com essa pesquisa de uma clínica comum que tento sustentar, há essas imagens narrativas que comparecem no trabalho, há a vida como ela é, e também há as metas que inebriam – não apenas a lógica da empresa que incita o serviço público a bater metas, mas há também certa exaltação política outra ideia de meta, o ideal, certo alcoolismo existencial exaltado, mesmo que não se trate propriamente da ingestão de bebida – e que podem amarrotar a vida como ela é. Considerando esses problemas, o que podemos aprender com a “limonada convencional” de Tchekhov? As imagens narrativas que compõe essa pesquisa, são imagens episódicas que tentam desinvestir metas ou empreender. Essas metas que tentam submeter o trabalho de Hugo e Malu, demandando mais produção e desinvestindo os encontros na rua também enredam algo do trabalho de pesquisa com suas réguas, roteiros e convicções.

Com essa problemática, interessa sublinhar a aposta de Inforsato (2010, p. 19-21) acerca dos encontros sem meta, para nada, em que as aproximações podem se inscrever, se relacionar e se assentar provisoriamente em superfícies:

ocupar o não lugar acentua o entendimento de que todos os lugares instituídos da política estão falidos, que o ‘social’ onde se pretende incluir a todos fracassou, e que a estratégia de ocupação episódica do mundo é um possível interessante, que não fabrica novos lugares, mas discorre pelas superfícies, ocupando sem se alojar. (...) Ao eleger a afirmação dessa efemeridade como modo de operar e de pensar interessado nas passagens e nos elementos provisórios que constituem esses encontros, evita-se sua simplificação, dando a ver o que neles pode favorecer àquilo que se pode chamar comum e que engendra uma historicidade, que só pode contar com o que está sendo, com o presente, atento ao compromisso daquele instante.

3 - MOVIMENTOS EM UMA CLÍNICA COMUM A CÉU ABERTO

Eles conhecem todos os métodos de sedução, da mão no ombro até o pontapé em qualquer lugar, passando pelo sermão com voz contida, olhos nos olhos. Pelo efeito que isso já teve neles, tente outra coisa.

— DELIGNY

Muita gente tem plena certeza de que não há qualquer possibilidade de alguém ter vontade de ficar na rua. Outras, que à população da rua tudo falta, é só negativo. Ouvi dizerem por aí:

— É a maior vulnerabilidade social que existe!

— Famílias desestruturadas, laços todos destruídos...

— Drogas e autodestruição, é um círculo vicioso!

— Não pode existir vida ali!

— Aquela mulher é louca, o que fazer com ela se não internar pra tratar essa loucura?

— Descaso do Estado, são invisíveis!

— Zumbis!

— São vagabundos e preguiçosos, não querem nada com nada! Joga uma CLT ali pra você ver se fica um, não fica!

— Falta a essa população pobre emprego, moradia e educação. Enquanto houver gente morando na rua nós falhamos enquanto sociedade!

Com o Barbosa, encontrei outras coisas ao conviver com pessoas na região do Mercado. Antônio Barbosa, de Mongaguá, costumava sair de casa logo cedo e voltar só depois do anoitecer. Cruzava a Baixada Santista caçando o que fazer enquanto recolhia latinhas de alumínio para complementar sua parca renda. Nesses trajetos e encontros, recebeu o convite para participar do evento da Pré-Conferência da Assistência Social. Foi ali que nos conhecemos. Ele estava pintando uma das seis geladeiras que passariam a servir como bibliotecas abertas de livros. Nunca tinha visto ele, me aproximei para puxar uma conversa:

— Ae, tá ficando tudo muito bonito aqui, hein!

— Essa coisinha aqui? Aqui é só brincadeira perto do que aquele rapaz tá fazendo ali, ó.

— Aquele é o André. Tá arrebentando com arte dele. O cara tava há duas semanas planejando esse desenho aí, se preparando pra isso. Até sonhou com o desenho kkk.

— kkk Olha só, já eu to aqui sem nem saber o que fazer. Tava dando sopa, peguei pra fazer... Vou pintando aqui esse rosa e até que surja alguma ideia.

— Achei um bom começo esse seu, pintar um fundo antes.

— Nem sei de onde veio isso, mas apareceu na minha cabeça isso de que precisava de um fundo, como você bem disse, antes de fazer um desenho ou escrever por cima. E olha como as coisas são, não sei de onde vem. Será que eu já sabia isso?

— Pode ser. – Respondi.

— Ce não quer me ajudar não? Tem muito branco ainda pra cobrir de rosa nessa geladeira kkk. Aonde será que arranjam tanta geladeira? Valia um bom dinheiro no ferro-velho...

Conversamos bastante enquanto íamos pintando, sempre tendo agregados na conversa e na pintura, gente que ia passando, ficando um pouco, indo embora. Barbosa olhava fundo nos olhos, se interessava pelos assuntos, fazia perguntas, fazia graça.

— Eu to aqui pensando no que escrever. Eu escrevo alguns acrósticos, fiz alguns e deixei ali no varal...

— Ah, eu vi uns acrósticos ali e fiquei interessada em saber quem tinha escrito. Gostei muito... Alegres... - E com Deus por toda a parte, pensei mas não falei.

— Obrigado. Fui eu. Eu aprendi tem pouco tempo numa oficina no CRAS de Mongaguá. Tudo que tinha pra participar lá eu ia. Pena que nunca tinha muito o que fazer... Aqui tem mais... Você falou do sonho do André e eu lembrei desse meu jeito de fazer esses poemas, parece que vem pra mim as palavras, eu nunca soube muito as palavras, tive pouco estudo, agora com os acrósticos elas veem, como que colocadas pra mim na minha cabeça. Só pode ser Deus e seus anjos falando por mim. Chega a me emocionar, menina, falar disso, dessa missão.

Ficamos um tanto em silêncio pintando lados paralelos da geladeira.

— Jacque, desculpa perguntar assim, mas você acredita em Deus?

Pensei um tanto antes de responder. Ele aguardou me olhando com muita atenção:

— Olha, eu acredito na natureza e suas forças que nos pegam desprevenidos, de surpresa, pelo acaso, pelo esbarrão, mas que também nos conecta a algo, à vida.

Ele deu um sorriso e voltou a pintar. Voltei a pintar também. Ficamos em silêncio por um tempo.

Olhando para o lado, vi uma movimentação para organizar o lanche da tarde. Tinha pouca gente e considerável trabalho a ser feito.

— Barbosa – comecei a falar – foi muito bom te conhecer, conversar e pintar essa geladeira com você. Satisfação total. To vendo que estão precisando de ajuda pra encher os copos de suco do lanche da tarde. Eu vou lá. Nos vemos por aí.

— Ajuda lá, mas depois entra na fila pra pegar o seu, hein, não vai furar a fila! Kkkkk

— Além de trabalhar eu vou ter que pegar fila, aí complica kkkk – eu disse, já de costas para ele, andando em direção às mesas que estavam no canto da praça.

Pouco tempo depois, ainda debaixo de um sol escaldante que ia queimando meu rosto, ombros e colo, junto de algumas trabalhadoras dos serviços da assistência, eu ia enchendo os copos enquanto outras iam cortando bolos, arrumando papeis toalha, colocando lanches na mesa, me entregando copos vazios e pegando copos cheios, acumulando-os na mesa. Muitos vinham perguntar se já podiam pegar um lanche, outros já esperavam em fila reta.

— Ainda não, espera um pouco aí, vamos começar a entregar quando tudo tiver pronto, falta pouco – uma trabalhadora respondeu.

— Como se eu tivesse todo o tempo do mundo pra ficar parada aqui esperando vocês! Ah, me poupem! – Retrucou uma mulher com uma voz alta e fina. Olhei para ela, testa franzida, que retribuiu o olhar duro, a testa franzida e a boca cerrada. Não falei, mas tive vontade de dizer que ela não precisava ficar esperando se não quisesse, ninguém a impediria de ir fazer outra coisa. Uma criança que chegou com ela rompeu nosso cisma silencioso quando nos fez rir ao pegar um lanche e sair correndo com ele para o outro lado da praça.

Algumas horas já tinham se passado, era noite, eu começava a me preparar para ir embora quando Barbosa veio com um pedaço de cartolina na mão. Qual foi a minha surpresa quando ele apareceu com um acróstico feito para mim, cuja base era meu nome:

— Olha, fiz um pra você. Mas não vá se achando porque eu fiz pra outras pessoas também kkk.

Já as nossas
cAnções
Contém uma
orKestra
difErente
para aLcançar
os rltmos
e ensiNamentos
do sEnhor

DeuS
O
podeRoso e
cRiador da
nossa maravIlhosa
nAtureza

Apesar de eu ter gostado, ele pediu desculpas por não ter acertado a forma mais correta de soletrar meu nome, mas não tinha jeito, não poderia ter me perguntado antes de fazer para não perder o efeito da surpresa. Seguiu dizendo:

— Como eu te disse, às vezes não vem a palavra certa e eu fico um tempão cavando. Dessa vez foi rápido, sério, coisa de inspiração dos anjos mesmo.

Natureza aqui – falou apontando para a cartolina que eu segurava na mão – foi uma forma de mostrar aquilo que nós dois acreditamos, Deus e a natureza.

Sorri e agradei. Dobrei e coloquei o papel com o acróstico na mochila, e fui embora.

Essa não foi a única surpresa que tive com Barbosa, foi só a primeira. A segunda surpresa foi ele aparecer no encontro do Grupo de Quinta, alguns poucos dias depois, às 9 horas da manhã:

— Desculpa chegar assim atrasado gente, é que vim lá de Mongaguá... A Maria me convidou, eu não tinha nada melhor pra fazer, eu vim kkk. O que você estão fazendo aqui? Ainda tem café ali?

A terceira surpresa foi vê-lo participar dos encontros da produção do jornal Vozes da Rua. Chegou a ser anunciado pela ex-prefeita atual vereadora Telma como sendo o representante do jornal no dia da audiência pública sobre o Consultório na rua e a população de rua.

A quarta surpresa foi descobrir que ele estava abrigado no Albergue noturno, uma casa de passagem administrada por uma O.S, ali no Centro de Santos. Tinha optado por deixar a casa em Mongaguá para ficar mais perto do movimento e da turma do Jornal.

No entanto, esse esquema do albergue não durou muito. Logo as condições de permanência na casa impossibilitavam que Barbosa pudesse autonomamente reger seu dia e integrar as atividades em torno da construção do Jornal Vozes da Rua. Exemplo disso, as regras para almoço que iam sendo alteradas sem qualquer correlação com a vida dos que precisam almoçar ali. Chegou ao limite de sustentação para Barbosa quando decidiram que quem quisesse almoçar deveria estar disponível dentro da instituição duas horas antes do horário em que seriam servidas as refeições. Esse problema, associado ao fim do ano, férias dos estágios, diminuições das atividades do Jornal sustentou a decisão de Barbosa se distanciar e ir dar jeito de viver em outro lugar.

Em nosso primeiro encontro perguntei se ele morava na rua. Ele disse que não morava na rua, tinha uma casa cedida, mas que apesar disso não se achava

muito diferente de quem mora na rua, e que até achava que tinham coisas *em comum*.

Barbosa com seus acrósticos, suas movimentações sensíveis, erráticas, parece estar em comum com alguns na rua, está no comum que é “mais uma premissa do que uma promessa”, algo já está aí, mas que ao mesmo tempo, é algo “sempre por construir” (PELBART, 2003, p. 25), o que ecoa com as intensidades dos viventes que circulam ali na área do Mercado Municipal de Santos. Constroem um comum – às vezes para comer, cantar, cheirar, às vezes para nada — com uma prática de, para e com qualquer um, plano de sensibilidade múltiplo com singularidades quaisquer que de todo modo importam, às vezes dá briga, alguém querida cai no canal e morre, às vezes pintamos geladeiras etc. As movimentações do comum de Barbosa – sem qualquer idealização desse comum que é feito de afetos, pauladas, alegrias, vida e morte – parecem coexistir e se cruzar com enunciados de inclusão social, de nostalgia de uma comunidade dos direitos liberais, dos seres em unidade, restauradora de velhas unidades homogeneizantes do laço social, da classe, da família, do amor e da fraternidade.

E quanto mais fui constituindo um comum com Barbosa e outros que vivem, passam, trabalham e estudam na região do Mercado, mais forte e frágil fui me fazendo no jogo que não é o de reencontrar o já sabido e repisado, a repetição das prontas e mesmas sentenças. A repetição missionária – mesmo quando se trata de instituições públicas – que meramente reconhece esses viventes como grupo social que é expressão de uma sociedade inerentemente desigual e opressora. Há um combo e uma gestalt que fecha com início, meio e fim. Sabe-se demasiadamente sobre os viventes entre as calçadas do Mercado e dos cortiços: são miseráveis, passam fome, são socialmente vulneráveis e frutos de um Estado omissivo, o uso abusivo de drogas os levou até a rua, todos seus vínculos são frágeis, precisam de emprego, moradia e saúde mental para resolver seus problemas, sair da rua, e voltar para a família.

Esses signos também estão na rua. A pobreza está ali – ainda que a miséria vital compareça ainda mais na dita classe média –, o racismo, a loucura. E ao

mesmo tempo interessa conviver e conspirar com as singularidades, a cada vez e a cada caso. Moradia é um problema, mas como colocar quem está mais para o nomadismo e para o comum vivendo entre quatro paredes sob os fantasmas do familismo? Nesse jogo o *Hotel do De Braços Abertos* foi uma vibração inaudita em meio a tantas colagens aderidas a modelos neoliberais de existencialização. Uma nota: durante a pandemia, os abrigos não lotaram; alguns preferiram a rua para lidar – outras *tecnologias sutis e vitais* – com a contaminação pelo vírus:

Logo que o vírus chegou na cidade e o Estado instituiu o primeiro *lockdown*, todos que convivemos no Mercado com os viventes dali ficamos preocupadíssimos com quem não tinha uma casa para voltar, máscaras para trocar de duas em duas horas, nem mesmo banheiros e pias públicas para higienizar as mãos. Reuniões emergenciais foram chamadas pelo conselho municipal da assistência social:

— Não temos os dados do novo censo ainda, mas os números do penúltimo apontavam que a população de maiores de 60 anos vivendo na rua era algo em torno de 90 pessoas. Hoje, se todas essas pessoas procurarem atendimento, não teremos vaga. E são elas os que tem mais risco de morrer pela Covid-19. Por isso que temos o defensor público aqui, para gente unir forças para que a prefeitura abra mais vagas urgentemente – disse uma trabalhadora da Abordagem Social.

— Olá, eu estou aqui como parte da equipe gestora da prefeitura, e nós estamos atentos a isso, nos preocupamos também, claro. É grave o que vem por aí. Estamos juntos. Mas, hoje, na reunião que respondeu ao pedido da defensoria pública apontamos que temos 53 vagas disponíveis e o que o fluxo tem sido de saída, não de entrada nos abrigos.

— Boa tarde a todos, sou o dr. Venceslau, defensor público. Nós da defensoria encerramos a solicitação, não temos argumentos contrários para convencer um juiz de que estamos em situação de calamidade. Os números não estão mostrando isso.

— Fluxo de saída dos abrigos, como assim? – Alguém perguntou.

— No abrigo estamos de pés e mãos atadas. Uma atitude de cuidado que entendemos ser necessária com o *lockdown* foi a de fechar a entrada e saída durante o dia. Alguns abrigados pediram isso, até. Como se manter seguro lá dentro fazendo o distanciamento social se alguns podiam sair de dia e voltar de noite com a doença e então contaminar a todos? Acho que a maior parte de vocês conhecem o estado do abrigo, péssima ventilação de ar - pra não dizer praticamente nenhuma. É um galpão fechado. E quando criamos essa regra foi pra cuidar de todos, dos abrigados e até de nós trabalhadores, aconteceu de muita gente sair. E praticamente não temos o que fazer, com o que temos, o prédio daquele jeito, sem enfermeiras presentes, poucos funcionários, alguns já de licença porque são pacientes de risco pra covid-19.

Rua, lugar comum e um tempo sem choro, nem vela

André por vezes precisa de um tempo fora da rua. Nessas, por um mês, ele deu uma sumida geral do Mercado. Não aparecia mais na roda de música, não o via com o pessoal da Redução de danos. Zero notícias dele com os parceiros do Mercado. Até o dia que ele reapareceu na roda de música, pegando eu e Lorena de surpresa quando contou que tinha passado um tempo em uma comunidade terapêutica evangélica:

— Como foi isso, André?

— Ah, eu estava mal, malzão mesmo, sabia nem que dia era, todo desgraçado, sozinho, bichão mesmo, saí do Mercado em direção à praia, andando com a cabeça a mil por hora. Eu chorava muito, tava desesperado. Segui andando, andando, até que quando dei por mim já estava na Praia Grande. Eu nem vi isso acontecer.

Ele parecia até maior do que já é de tão ereto que estava. Pele limpa e vistosa, roupa limpa e engomada. Estava zero bala.

— Lá, eu continuei malzão, arrumei um canto, comecei a beber, bebi tanto que nem conseguia me mexer. E então um grupo de evangélicos chegou, falou uma palavra e me convenceu a ir pra clínica de recuperação da igreja deles. Eu fui, né, eu estava muito mal, precisava mesmo daquela ajuda.

— Você precisava de um tempo, né? Perguntei.

— Sim, precisava dar um tempo... Minha cabeça não estava boa, as coisas estavam frenéticas, você não tem ideia de como as coisas mudam aqui, de uma hora pra outra.

Quando André diz isso de as coisas mudarem *aqui*, seu corpo se dirige ao entorno, de tal forma que fico em dúvida se falava do Mercado, das outras pessoas, de si mesmo ou de tudo isso junto.

— E como foi lá?

— Foi bom... Quer dizer... Eles até foram bons comigo, me ajudaram, quando eu precisei falaram coisas importantes. Me tiraram daquele buraco né, me deram uma mão. Mas aí umas coisas aconteceram e azedou um pouco. Foi quando eu comecei a perceber que chegava a hora de ir embora.

— O que aconteceu que azedou?

— Foi um lance com a música. Lá tinha vários instrumentos, como aqui, lembrei de vocês demais lá, lembrava de todo mundo daqui do Mercado. Sou louco por música, ce sabe, então mal entrei já estava na banda, tocava nas cerimônias e tal. Eu sabia que nesses lances de igreja só pode tocar música de igreja, fiquei de boa. Mas aí, outra parada totalmente diferente, tinha pouca gente perto, não era no culto, comecei a tocar um Charlie Brown, só pra me divertir, nem me liguei... não gostaram nada disso, me deram um sermão na frente de todo mundo, aí a treta começou.

— Putz, André, ficar num lugar que nem Charlie Brown pode tocar é difícil, hein?

— Ah... Sim, não tem como. E pior, sou adulto, né, levar uma bronca assim é embaçado, não dá. Fui percebendo que estava mesmo dando a hora de voltar. Eu sentia muita saudade, esse pedaço aqui faz falta, as pessoas, vocês, eu sabia que já estava melhor, queria volta e fui conversar sobre isso. Só que os irmãos lá não gostaram nada dessa ideia, falaram que não iam autorizar. Disseram que eu não podia abandonar a Igreja, já tinham até me dado uma cadeira com meu nome escrito nela... Que Deus tinha um propósito na minha vida, que era liderar um grupo de servos de Deus. Só que, vai pensando comigo, eu não acho que eu ofendi Deus, o propósito dele pra mim. Eu sei que eu tenho minha missão aqui na terra, que Deus tem me dado a chance de melhorar fazendo o melhor pelas pessoas. Eu não preciso ficar seis meses de recuperação lá na clínica, eu já estou melhor agora, e minha missão é aqui no Mercado, é na rua.

— Nossa, e como você saiu de lá, esse lance da autorização?

— Ah, eu tive que sair escondido de lá. Mas é isso, sem choro, nem vela, acabou, estou muito feliz por estar de volta e ver vocês. Pode parecer louco, as pessoas aqui na rua, nessa situação, mas isso tudo aqui faz muita falta.

André ficou pouco tempo nessa roda de música. Carregava uma mochila grande. Deu uma volta. Eu também dei algumas. Foi uma roda de música mais espalhada, com gestos menores, encontros curtos, pausas mais longas e mais silenciosas. Quando fazíamos o caminho de regresso à universidade, nos despedimos dele, que estava sentado no muro do canal observando de longe o que acontecia ao redor.

Nos últimos meses, durante a pandemia, André ficou entre os abrigos da prefeitura e a rua, em especial porque pegou a covid-19. No dia de seu aniversário, tentaram fazer uma festa para ele que disse que não queria, não iria, disse que era melhor que nem tentassem fazer:

— Eu conquistei minhas coisas aonde? Na rua. A festa tem que ser na rua, não é jornal vozes do abrigo que chama.

Um manejo, clínica e vida (em) comum

Lúcia e Mike Lee passam o dia ali na esquina do Mercado com o Bom Prato, debaixo da marquise. Têm muitos filhos, que passando ali logo vão pedir a benção. Hoje eu sou mais uma deles, sou a filha mais nova do casal, tal qual Mike sempre repete, me apresenta assim aos que cruzam o mercado. Uma posição privilegiada ali, pois a Lúcia fica menos enciumada e garanto uma proteção no território em que se espreita toda a vida ao redor – com quem se fala, de quem se distancia, a quem se protege quando precisa.

Entretanto, nem sempre foi assim. Lúcia, no começo, nos detestava. Ficava de longe, às vezes chegava mais perto para inspecionar melhor o que estava acontecendo, mas logo ia embora desqualificando tudo o que estava acontecendo ali:

— Essa música não presta!

Ou:

— Vocês nem sabem tocar direito!

Ou:

— Que porcaria de filme!

Ou:

— É só vocês virem aqui que os caras chatos aparecem, nunca vi...

Ou:

— Vocês não tem o que fazer não? A gente, na rua, não quer saber disso, a gente quer é direitos!

Mike, por sua vez, nos adorava. Ele é um multi-instrumentista apaixonado por música, a roda de música era um evento pelo qual, sempre dizia, ele passava os dias esperando.

— Vê isso aqui, filha, essa galera toda se divertindo, sorrindo, fazendo algo juntos que não seja se embriagar ou usar drogas, isso só acontece quando vocês vêm com a roda de música. A noite aqui no Mercado é barra pesada, tem cada coisa que você não acredita, é bom você nem passar perto, venha só de dia sozinha. Mas, quando vocês vêm, todos aqui dormem que nem criancinhas depois, querem nem saber de drogas ou confusão, fica todo mundo na paz.

Fosse apenas essa diferença, não seria um problema. Porém, a Lúcia não queria o Mike em má companhia. Daí, era chegarmos para começar as brigas entre eles. O Mike vinha para roda de música e logo depois vinha Lúcia fazer o intimato:

— É eu ou eles!

Esse dilema deixava Mike muito triste, mesmo quando optava ficar conosco, a sua presença era dolorida. E, mesmo quando optava por sair, brigavam bastante.

Um dia, vendo esse conflito acontecer, com Mike entristecido na roda de música e Lúcia enfurecida na esquina, decidi tocar no assunto:

— Mike, sua companheira não gosta que você fique aqui conosco, né?

— Não gosta... Ela não entende como isso aqui é importante para mim. Tocar e cantar me deixa muito alegre, mas ela não entende, não quer que eu fique. Gosto muito de música, toco vários instrumentos. Fiquei muito tempo sem poder fazer isso até vocês chegarem. Eu preciso disso aqui, queria que ela aceitasse isso.

— E você já conseguiu dizer isso pra ela, assim, desse jeito, falando sobre seus sentimentos e a importância da roda de música para você? Perguntei.

Mike baixou a cabeça e ficou em silêncio. Ficamos em silêncio por um tempo. Saí de perto depois que trocamos um olhar de cumplicidade. Pouco depois ele saiu da roda em direção da Lúcia. Na esquina deles, eu observava de longe, eles discutiram. Terminou com Mike sentado no chão, as mãos segurando a cabeça, Lúcia em pé.

No encontro seguinte era cinema. A primeira parte do filme Jango. Lúcia veio para perto quando chegamos. Ainda contrariada, reclamando de uma ou outra coisa, mas ficou lá, sentada, com o Mike do lado dela, a maior parte do tempo quietinho, encolhido, como que não dando motivo para começar alguma encrenca. Foi nosso último encontro nas ações que propúnhamos.

Dias depois, durante o festival Cidade e Comum, promovido pela parceria entre UNIFESP, SESC e Procomum, ali na região da Bacia do Mercado, eu encontrei os dois dentro do Procomum. Ambos sentados, cada um com seu marmitex, satisfeitos, alegres, faladores, integrados ao ambiente. Quando fui falar com eles, ela me recebeu com um abraço tão carinhoso que até estranhei. Conversamos algumas amenidades. Perguntei se ela conhecia o lugar:

— Sabia que há bastante tempo isso daqui era o Sopa Santista? Meu pai trazia eu e meus irmãos aqui todos os dias para comer um prato de sopa. Fazia muito tempo que eu não botava meus pés aqui. Engraçado... Eu nem lembrava disso... A gente tava lá no Mercado vendo umas apresentações ma-ra-vi-lho-sas, menina, com um pessoal lá de Pernambuco, mas começou a chover, trouxeram a gente pra cá. Gente boa, viu... Você tava lá?

Viver em comum pede um exercício de modulação entre o que necessitamos e o que pode interferir para que desejos impliquem em acontecimentos vivos. Minha

dúvida e consequente manejo foi: conseguira Mike expressar afetos e necessidades de modo que Lúcia distinguisse o que importa do que não importa?

Com Mike e Lúcia, um gesto entre intencional e ao acaso, com alguma percepção da partilha da potência dos encontros alegres, pode, talvez, desinvestir ressentimentos para a criação de estratégias coletivas de vida.

À espreita, episódios comuns de cuidados incertos

Estando na rua acontece de você conhecer alguém e querer ter mais contato, se encontrar mais vezes. Fui pra rua em busca de Mariana, uma mulher que mora ali no Hotel Madri que eu conheci na roda de música da semana anterior. Nessa ocasião, dançamos e cantamos e falei do grupo de dança com mulheres dos quais participamos, no Procomum. Ela ficou interessada; eu fiquei de acompanhá-la.

Tínhamos marcado o encontro às 14h. Péssimo horário, pensei depois, porque é um horário em que a galera já almoçou e está no meio de seus corres, inclusive a sesta. Cheguei no ponto de encontro e nada dela. Subi no Madri, um hotel de quatinhos que cobra cerca de 30 reais pela diária. Lá, encontrei a atendente cochilando junto a um gato velho em um sofá velho, ao som de uma televisão ligada. Quando pedi notícias de Mariana, ela sabia de cor quem era. Me disse que durante a tarde ela quase nunca fica ali; sai para dar suas voltas pela cidade para arrumar um cliente, disse carregando no tom na parte do cliente.

Mariana, quando nos conhecemos, sorria muito e falava com todos, puxava assunto, chegava junto, dançava. Me contou que era a sua segunda vez na roda de música, que tinha aguardado ansiosamente durante as semanas, pois tinha lhe feito muito bem ficar conosco. Na primeira vez, disse que até doou as drogas que tinha e que com muita frequência usava para conseguir ficar em pé.

— Eu não quis nem saber, quer dizer, não precisei, fiquei alegre, com vontade e fé na vida. Dancei muito aquela noite, conheci um monte de gente legal.

Foi quando tive a ideia e lhe fiz o convite para o grupo de dança. Ela me disse:

— Claro que vou, eu adoro dançar! Tá mais que combinado.

— Olha lá, hein!? Quarta-feira que vêm, duas da tarde, aqui nessa esquina. Não se esqueça!

— Não esqueça você de mim, que eu não esqueço de você! Te espero aqui, sim, com certeza, pode vir – ela me disse, sorrindo.

— Pódeixar! – eu sorri de volta.

Antes, indo para esse encontro, passei pelo canal e bati um papo rápido com o Velhinho. Ele me perguntou o que eu estava fazendo ali no Mercado, pois sabia que roda de música não era, não era o dia, não era a hora. Expliquei. Perguntou a motivação. Expliquei. Daí ele me disse:

— Vai lá.... você é gente boa... humildade... Vai lá, fia... fico de olho... como sempre... ninguém mexe...

Na volta, depois do desencontro, eu paro para falar com ele novamente. Sento-me junto dele no canal para fumar um cigarro. Ele aproveita o ensejo e acende seu cigarro. Vejo a banca de legumes e frutas da sarjeta repleta de produtos, produtos feios, alguns quase passando do ponto, muito provavelmente rejeitados pelos distribuidores dos galpões vizinhos. Passa uma senhora e pergunta o preço da salsa. Velhinho se enrola todo para dizer, a mulher quase desiste de esperar ele conseguir dizer tudo. Custava um real. Ela hesita e solta que na volta passa ali de novo e compra.

— Passa nada hihi – ele me diz, depois que ela vai embora.

— Essa banca é sua, Velhinho?

— É sim, fia. Sabe como é... dá um dinheirinho... dá pra se viver... pagar a comida... pagar as biritas... até o cigarro. hihi

— Tá barato esse salsão, hein?

— Tá sim. E... se pedir... com jeito né... até de graça leva... hihihi só pedir com jeitinho... sabe como é... um ajuda o outro... todo mundo vive bem... humildade e parceria, assim que deve ser.

Estando na rua, também acontece de te pedirem algo. Edmilson por duas vezes me pediu dinheiro, com a mesma intenção. Eu lhe disse:

— Não tem como Edmilson, não vou poder te ajudar com isso.

Era para tirar um novo RG, mais de vinte reais:

— Talvez vocês aí da igreja possam me ajudar.

— Estamos aqui para outra coisa. Não somos da igreja, o Alexandre é nosso professor, não é pastor. Mas, no Poupatempo, declarando pobreza, você consegue tirar outra via gratuitamente.

Ele já sabia disso. Dezessete vezes ele usou esse serviço, taxa que agora o impedia de nova gratuidade. Perdeu, molhou, teve suas coisas roubadas, apreendidas, sumidas, é meio esquecido...

— É embaçado ficar sem identificação na rua, disse, já mudando o tom, fechando a cara.

— Não posso te ajudar com isso, talvez o Centro Pop possa.

— Não, lá também não podem.

Em outro momento, meses depois, ele não me pediu dinheiro, mas pediu roupas limpas. Edmilson estava chegando suado e cansado após puxar carrinho na coleta de materiais recicláveis, enquanto iniciávamos a roda de música ali na calçada do Mercado Municipal de Santos. Ele aluga o carrinho por vinte reais o dia, arrecada em torno de quarenta reais a cada ciclo de trabalho. Convidado a ficar conosco para a roda de música do dia, ressalta que antes precisa tomar banho, e isso o faz lembrar de outra questão:

— Olha a situação dessa roupa, não dá prá ficar com ela, preciso trocar. Não tem como você pedir um shorts e uma camiseta para algum colega seu da faculdade?

— Não dá, Edmilson. Mas, ó, no Ismênia ou no Monteiro de Barros, você conseg..

— Não, eu já sei, mas eu não gosto disso. Não que eu queira ser melhor que ninguém, não sou, mas isso de ir em um lugar cheio de gente brigando por uma peça de roupa não é para mim. Nem comida eu gosto de pegar assim, ter algo na sua mão e então puxarem, ter que implorar pelas coisas, puxar saco, ser bonzinho... Não sou disso! Fico sem, mas não passo por isso. É só por isso que estou te pedindo, não me leve a mal.

Nesse episódio no Hotel Madri, com o gato, o atendente, depois o Velhinho, parece haver o *bicho à espreita*, uma delicada esperteza animal coexistindo com outro homem comum que caminha apressado para os barcos na catraia, esse tem passo rápido, atento às suas posses, sua segurança, e, ambos me habitam em tensão. O Velhinho vi muitas vezes à noite, com qualquer um ri, briga, se distancia, brinca, vai sem blusa de frio na noite mais fria do ano. Ranzinza, engraçado, não dá sopa, sabe chegar e sabe a hora de sair. Está ligado: de tocaia, sente se acelera o passo, pega as atmosferas, os sinais, de longe te observa e já chega em uma

frequência compatível. Olha nos olhos da cara comum e da cara rara. Não aceita qualquer coisa, sabe de cor os procedimentos.

Com o André, Marina, velhinho, Edmilson e muitos outros aprendo manejos de uma clínica à céu aberto à espreita de episódios comuns de cuidados incertos que precisa tentar outras coisas.

Pequenas interferências e uma acontecimento na roda

Por um tempo, desde a retomada das rodas de música depois das férias, Edmilson não estava vindo, mesmo eu tendo notícias de que ele continuava na área. Foi assim até que o encontrei no trajeto que fazemos entre a UNIFESP e o Mercado Municipal, sentado ali na beira da curva do canal, na esquina com a Sete de setembro. Fiz-lhe o convite para participar da roda de música do dia. Ele não negou, me disse que depois aparecia por lá, mas disse com cara de quem não ia aparecer. Não apareceu mesmo.

Eu lembro exatamente do nosso primeiro encontro. Estávamos nas primeiras incursões no território: testando vídeo e áudio para o cinema, abrindo espaços, conhecendo algumas pessoas, iniciando algumas relações. Ele chegou calado, carregava consigo seus pertences quando chegou com um sorriso amistoso, sentou perto do meio-fio e ficou lá prestando atenção à parede amarela e gasta do Mercado, a nossa tela improvisada. A partir daí, Edmilson passou a ser figurinha carimbada em nossos encontros semanais.

Entretanto, era difícil conseguir uma conversa alongada com ele. Não era de prosa fácil. Responde questões, até dá algumas dicas sobre si, breves dicas, porém não cai fácil na rede, assim, de cara; ele não pede escuta.

Esse afastamento do Edmilson durou uns dois meses. Durou até o dia em que ele chegou, cumprimentou bastante amistosamente os parceiros, foi para o meio da roda e pediu um dos violões. Das bordas, eu observava. Sentou perto da Lorena, na perpendicular, pra poder acompanhar os movimentos dela no violão. Depois passou a negociar os seus próprios acordes, criando seu ritmo em comum.

Um acontecimento, uma passagem se efetuou ali. Fiquei curiosa. Ele só soltou o violão quando já estávamos começando as despedidas. Daí fomos eu e Matheus no encalço dele, que já partia em retirada. Eu disse:

— Caraca, Edmilson, eu não sabia que você tocava violão! Parabéns, foi muito bom!

— Obrigado! Eu toco, assim, mais ou menos. É que depois de tanto tempo, tem as letras, as cifras, as mãos doem, fica difícil lembrar tudo, e tem também a timidez, né, é difícil tocar pra tanta gente assim, mas hoje eu cheguei com vontade de tentar, são dois violões agora, deu pra tocar sim, foi bom, muito bom.

Ele já estava querendo se despedir quando interrompi para saber sobre aquela sua longa ausência. Sua resposta me abriu outra perspectiva sobre os intercessores de nossos encontros:

— É que eu precisava de um tempo para melhorar. Agora que estou bem consigo estar aqui.

O cinema na rua e as rodas de música foram pequenas interferências na Bacia do mercado, e no meio disso tudo essas aproximações com Edmilson foram deslizamentos delicados, contínuos até que ele tocou com os dedos grossos e poderá tocar novamente. Algo que foi rolando involuntariamente, com a presença de todos e de qualquer um na criação de atmosferas e ritmos para a profusão de acontecimentos diversos sem o voluntarismo e suas metas, como a da terapêutica e a do melhoramento moral dos corpos. Tem algo da produção de corpos, mas que aqui, por essa clínica comum, os movimentos de vida são em favor da composição de singularidades e não do fortalecimento da individualidade como finalidade de um processo.

Não se trata de fortalecer ou despertar identidades adormecidas com interferências. Houve e ocorre constantemente uma produção derivada de um corpo

que é atravessado por diversos jogos, ritmos e vibrações e com isso encorpa, incorpora, desencorpa, esvazia-se de antigas camadas, deixa-se marcar pelos encontros e experimenta outras coisas. Inforsato refere exercícios que ecoam com este, de arranjar estratégias de vida em comum, em que ocorrem modulações de si pelo encontro com o outro, operando uma mitigação daquilo que é identidade para dar lugar à potência da singularidade porque instaura um pensamento que “passa a ser convocado a experimentar, a problematizar sem constituir saberes estanques e previstos, modulando-se ao limite, ao acaso, ao constrangimento, à surpresa” (2010, p.46). Manifesta-se a afirmação diferencial da vida, uma proposição que permite que a simples experiência do viver, do estar vivo, seja a referência soberana para a própria vida. Além de estar vivo não é preciso mais nada, não são necessárias qualificações e todas as particularidades são prescindíveis.

Era uma noite quente e escura quando Noé apareceu na roda de música. Ele nunca tinha nos visto ali. Notou de longe e então quis ver e ouvir de perto o que era aquilo, o que “aquele barbudo com o violão estava tocando”. Ao final da roda, enquanto nosso grupo dividia os objetos que carregaríamos conjuntamente em nosso trajeto de volta à universidade, ele se ofereceu prontamente para levar algumas almofadas e o que mais fosse necessário. Estávamos mesmo precisando de mãos, achamos bom.

Caminhando um pouco à frente do grupo, vi que ele conversava conosco, mas não fiz parte da conversa. No portão da universidade, ele começou a entregar as almofadas, sendo incentivado pelos professores, que começaram a recolher o que ele trazia, já se despedindo:

— Obrigado pela ajuda!

— Até logo, Noé! Na próxima semana tem mais, apareça.

Vendo isso, retornei alguns passos e intervi, afinal, se ele veio até a universidade pública, talvez quisesse entrar para conhecer esse ambiente tão próximo e ao mesmo tempo tão distante de seu território.

— Você quer entrar, Noé? Já conhece a universidade? Vamos lá na sala levar as coisas, aí você pode conhecer um pouco.

Fez que sim com a cabeça.

— Mas eu posso entrar? Assim?

— Vamos lá!

Com os olhos cheios de lágrima, Noé entrou pelo portão, passou pela porta e pela barreira de seguranças que guardam o prédio e que estão ali para barrar os estranhos, pedir documentos, saber os interesses, os percursos. Essa universidade pública não tem catracas (por muito pouco), mas tem um sistema forte de proteção em relação à rua, ao bairro e aos viventes dessa região da cidade. É uma imunidade que nos coloca o problema cotidiano: como separar, através do comum, a proteção imunitária necessária à vida, da destruição da vida em comum? Acerca disso, Roberto Espósito (2006) diz:

(..) pensar de uma maneira diferente a função dos sistemas imunitários, fazendo deles, mais que meras barreiras excludentes, filtros de relação entre o interior e o exterior. Como? A partir de que pressupostos? Com que instrumentos? O problema se tem que enfrentar em dois níveis. O da desativação dos aparatos de imunização negativa e o da ativação de novos espaços do comum (...)

— Olha só, um morador de rua entrando na Universidade, quem diria hein?

E seguiu falando alto enquanto passávamos pelos corredores:

— Como assim morador de rua? Pois prove que eu sou morador de rua e não um consumidor. Chame o gerente que eu quero ver ele provar que eu sou morador

de rua. Meu dinheiro não serve na sua padaria? Meu dinheiro por acaso é diferente? Eu estou na rua, mas não sou bandido. Vê, estou aqui sujo, maltrapilho, mas ando com gente da Universidade. Não estou puxando saco, não, nem sou disso, mas eu sei que essa gente é boa, rica e inteligente. E se eles acham que podem andar comigo é porque eu não sou ruim assim. Eu quero é ver você me expulsar daqui agora!

Foi assim o trajeto todo. Em determinado momento até eu estava na posição de sua algóz:

— Olha, você me manda embora e eu vou na hora, sem reclamar. Eu não fiz nada, mas eu vou. Grande assim como você é, eu nem bateria de frente.

Quis sair dessa chave, desses lugares. Voltamos para a rua, pra eu fumar um cigarro. Noé não fuma, mas me fez companhia. Ali, evoquei o Maranhão, sua terra natal. Conversamos sobre as barcas, os rios, o reggae.

Na roda de música seguinte, Noé foi um dos primeiros a chegar. Me pediu desculpa porque estava muito bêbado. Procurando um instrumento que lhe agradasse dentre tantos instrumentos que temos, ficou surpreso ao encontrar uma maraca, disse que era seu instrumento preferido. Em um determinado momento largou a maraca no chão, foi fazer outra coisa. Quando voltou, criou caso com quem fazia um som com o instrumento:

— Nem te conheço, rapaz, você nem vem aqui na roda... Me devolva que isto está comigo, é meu, fica com esse outro aqui - e fez a troca, o outro aceitou.

Ele se movimentava muito e vinha me falar algumas coisas, de tempos em tempo, como:

— Me perguntaram se você dava para mim, mas eu disse que você é mulher séria da universidade.

E:

— Vou ficar com uma dessas almofadas, tá, deixa comigo, faz de conta que nem vê, vai ser ótimo ter um travesseiro bom desses.

E:

— Sabe aquele dia na universidade? Foi muito difícil pra mim, eu tive uma noite bem ruim aqui.

Falava, mas logo saia de perto ou se perdia nos pensamentos e sensações, não respondia às minhas questões ou eu que não encontrava as respostas que queria. Não conseguimos desenvolver nenhuma delas, embora eu tentasse, embora eu tivesse ficado preocupada com os efeitos de ter entrado na universidade.

Ao findar da roda de música, quis ir novamente conosco até a universidade, era para nos ajudar a carregar alguma coisa novamente. Eu neguei: não precisávamos, boa parte do nosso grupo tinha retornado à universidade de carona com o carro da Rita, levando instrumentos e almofadas; e eu estava cansada, aquela roda de música tinha sido difícil para mim, eu não poderia ficar com ele, que poderia demandar demais e estava muito bêbado.

— Noé, hoje não vai dar. Estou cansada, não vou poder te acompanhar – Eu disse, ele não insistiu, se despediu e foi embora.

No dia seguinte, pela manhã, atravessando o Mercado, professor Alexandre e eu esbarramos com ele na rua, que veio imediatamente falar conosco:

— Eita que estava preocupado, ainda bem que encontrei vocês aqui hoje. Olhe, eu fiquei com a maraca. Pois é, fiquei mesmo... Mas hoje de manhã cedinho fui lá no prédio da universidade entregar, fiquei com medo de perder, de ser roubado, quis ir logo que amanhecesse, mas os seguranças não me deixaram entrar, disseram que ali não tinha curso de música. Como assim, senhor? Eu não estou louco, há duas semanas vim aqui, um pessoal daqui vai lá no Mercado fazer música. Daí o guarda disse que não tinha nenhum curso de música lá, que eu estava enganado. Nem me deixou entrar pra procurar vocês. Vim embora. O jeito foi

deixar na casa de um amigo, por segurança né, pra não perder, nem ser roubado. Ele mora aqui perto, vamos lá buscar, é rapidinho. Preciso devolver isso. Vamos lá.

— Tem que ser rapidinho mesmo, Noé, que estamos com tempo curto hoje. Você pode nos devolver depois...

— É perto, vamos lá, é na rua de trás. Vem por aqui.

Enquanto nos guiava, ia dizendo que ficou com tanto medo de perder a maraca que dormiu com ela sob a cabeça.

Voltamos conversando sobre o que tinha acontecido, em especial após eu ter dito que Noé havia roubado o instrumento, Alexandre disse:

— Pelo que você me diz, Noé tinha feito alguns pedidos naquela última roda que não puderam ser atendidos por você. Daí ficar com um objeto que compartilhamos nos nossos encontros talvez tenha sido uma maneira de nos mantermos em relação, marcando uma dívida. Não há um roubo nessa situação, tudo é dádiva e dívida.

Certa dessa dívida, pensando que fosse possível recuperar algo, voltar a um ponto em que tínhamos parado, poucos dias depois eu fui atrás dele no mercado para uma nova conversa sobre o que achava que estaria em processo desde o dia que ele foi na universidade conosco. Fui desejosa de que pudéssemos pôr em análise aquela angústia que ele dissera ter sentindo. Encontrando-o, tentei, fiz umas três perguntas, mas não voltávamos exatamente para aquele ponto que eu achei que tínhamos parado¹⁰. Desisti. Percebi na pele que era melhor ficar ali sem

¹⁰ Talvez tenha esquecido. Talvez algo da potência de esquecer. Esquece e quando vê novamente, como em uma festa ou entrada na universidade lembra. Sobre isso, penso com Eduardo Viveiros de Castro (2009): prefiro viver em um mundo que as pessoas esquecem, mas não perdoam do que em um mundo que as pessoas perdoam, mas não esquecem. Eu lembrava de que estava tendo uma conversa com um colega ontem à respeito da questão do esquecimento no mundo indígena que é muito interessante que é o seguinte... Existe uma frase que eu acho, particularmente, sinistra, terrível na nossa cultura que é a frase: "Eu perdoo você, mas não esqueço. Eu posso perdoar, mas não vou esquecer." Que se diz muito. É na verdade o princípio do perdão nosso, da economia do perdão cristão. Perdoar, mas não esquecer. "Perdoar sempre, esquecer jamais". O que eu acho absolutamente apavorante. O mundo indígena de certa maneira é um pouco o contrário, se você foi ver o que acontece. Não é que eles perdoam, é que eles

propósito, sem querer, sem memória, sem pesos. Sentei junto dele no murinho do canal, fiz um cigarro e conversamos sobre o inverno. Compartilhou comigo seus planos: tinha ido no CentroPop para ver se conseguia algo, mas percebeu que o melhor era ir atrás dos filhos, que moram em Vicente de Carvalho. Ele disse que estava esperando melhorar um pouco, se esforçando para beber menos por um tempo, e então pegaria a barquinha e ia ver como eles estavam, ficaria um tempo por lá.

— Você já pegou essas barquinhas aí? Não tem comparação com as de São Luís, né? Me perguntou.

— Não mesmo, eu respondi. Muito menos o rio e o mar.

Despedimo-nos e eu fiquei com a impressão de que seria por bastante tempo esse adeus que ele me deu. Noé ficou quase dois meses fora. Quando o reencontrei, perguntei por onde tinha andado, ele disse “por aí”, sem qualquer importância, e foi pra roda de música.

esquecem, eles não perdoam. E quando eles lembram de novo, quando alguma coisa acontece que faz voltar a memória do mau que eles fizeram, da vingança que eles tem que cumprir, volta tudo de novo, mas em compensação eles esquecem. Eu prefiro viver em um mundo que as pessoas esquecem, mas não perdoam do que em um mundo que as pessoas perdoam, mas não esquecem. Porque um mundo que as pessoas perdoam, mas não esquecem, você está prisioneiro eterno da memória dos outros e isso é terrível. Sobretudo, quando você está prisioneiro das pessoas que te perdoaram, porque não há nada pior do que ser perdoado e não ser esquecido. Então, acho que essa diferença explica certas coisas muito surpreendentes no mundo indígena que, de repente, os índios estão muito bem, recebendo convidados, em uma festa e acontece uma briga, uma morte, porque alguém lembrou que aquele cara matou o... Ele não perdoa, ele só está esquecido, você vê é gente feliz, são pessoas que tem capacidade de esquecer, mas é gente humana que não tem a capacidade de perdoar. Como a gente sabe essa história de “perdoar, mas não esquecer” é mentira. É nem perdoar, nem esquecer. Essa é uma das mentiras piedosas que contamos, perdoa coisa nenhuma, se tivesse perdoado teria esquecido. O esquecimento é mais importante que o perdão, na verdade. O único perdão possível é o esquecimento. E isso é algo que teremos muito tempo para aprender.

4 - MODOS E INTENSIDADES DE EXISTÊNCIA

Sempre a pergunta: quais seres tomar a cargo? De quais incumbir-se? Como ouvir seus sussurros? Como dar-lhes voz? Como deixar-se percutir, afetar-se? Como instaurá-los preservando a singularidade de seu modo de existência? Como abri-los às passagens e às metamorfoses? Não se trata apenas de frágeis minorias constituídas, [...] nem de entes planetários ameaçados de extinção, também em número crescente, ou ainda dos planos de existência descartados diariamente [...], mas também dos devires minoritários de todos e de cada um: dos seres gaguejantes, dos apenas esboçados, dos que desistiram, dos seres por vir ou dos que jamais virão à existência, dos que a história dizimou [...]. Portanto, trata-se de nossa própria existência, incompleta sempre, em estado de esboço, de obra por fazer, que cabe prolongar como se prolonga o arco virtual de uma ponte quebrada ou em construção.

— PETER PAL PELBART

Assassinatos, censo da pop rua, linhas de fuga

O censo da população de rua, feito em parceria entre a UNIFESP e a prefeitura da cidade de Santos, estava programado para a noite de uma quarta-feira. Noite e madrugada adentro, um único período para não perder nem duplicar dados. No entanto, uma previsão de chuva fez com que fosse adiado para o dia seguinte, na noite da quinta-feira.

De última hora, eu fui convidada a participar da pesquisa. Eu e Natália, pesquisadora e moradora da área central, por conta de nossa imersão e contato com os viventes e com o território, fomos convidadas para supervisionar a pesquisa do Censo na grandessíssima área que compreendia os bairros da Bacia do Mercado, Paquetá, Vila Nova e Vila Mathias.

Assim, nesse corre, que foi mais um grandessíssimo favor por mim prestado no qual me estrepei toda, nunca mais, quinta-feira, 18 horas, eu estava cruzando o Mercado para chegar no CentroPop, o ponto base das equipes que iam ficar ali na região central da cidade. Nesse trajeto, vejo de longe os parceiros na roda de música. Estava bastante esvaziada. Ergo meu braço direito e dou um tchauzinho que de longe eles não pegam.

Um quarteirão acima encontro Paulo, um vivente da área que não falta a nenhuma roda de música. Ele está acolhido no albergue. Assim que me vê, logo se explica:

— To indo correndo pro albergue pra responder o Censo. Hoje era dia de roda de música, né, pena, mas não se preocupa não que já avisaram que por causa do Censo não vai rolar. Semana que vem vocês voltam? Vão inverter a semana?

— Não, não, vai ter roda de música sim! O pessoal já está lá na calçada, acabei de ver!

— Não acredito!

— Pois é... to achando que rolou uma confusão por causa do Censo. É que eu e Hugo da Abordagem vamos trabalhar na pesquisa, daí não participaremos da roda de música de hoje, mas o restante do pessoal já está lá pra cumprir com o compromisso.

— Eita nós, vou avisar o pessoal e vejo o que faço, então. Vou correndo lá! Abraço!

O grupo com quem trabalhei durante o Censo também era formado por pessoas que já conviviam com as pessoas e com o território da Bacia do Mercado.

Chegamos no Mercado já perto das 22 horas. Encontramos ali as calçadas bastante esvaziadas. Mesmo os pontos fixos, os pontos de dormida de alguns dos viventes da rua, estavam vazios. Achei muito estranho. Os 14 pesquisadores do grupo concordaram, estava vazio demais.

— Vazou a informação e o pessoal da rua se espantou com a contagem e a entrevista?, me perguntei ali.

No dia seguinte, comentei com a Mayara, minha amiga e colega de quarto que também era membra da clínica a céu aberto, sobre o Censo e o esvaziamento do Centro. Ela me disse que não ouvira completamente as respostas, mas, porque a roda estava esvaziada, perguntaram bastante ao pessoal da rua se algo tinha acontecido para explicar tantos sumiços e que as respostas tinham sido preocupantes.

— Parece que tinha algo sobre morte, assassinato...

Com essa informação, muito preocupada, perguntei no grupo de WhatsApp o que os parceiros da clínica tinham ouvido sobre o Mercado vazio na noite anterior, durante a roda de música. A resposta foi assustadora: mortes, assassinatos, incluindo gente que nos acompanham. Edu complementou por áudio:

— Então, Jacque, a roda também estava completamente vazia. Ficamos bastante preocupados, era dia do Censo, né?, e o mercado completamente esvaziado, algo muito estranho. Teve a questão com o albergue, com os técnicos achando que não estaríamos ali na noite do Censo, mas, ainda assim, só isso não explicaria um esvaziamento tão grande assim. Então começamos a conversar com quem aparecia e surgiu essa informação sobre as mortes, que na verdade se tratariam de assassinatos. Algumas pessoas falaram sobre o assassinato de três ou quatro pessoas ali, uma delas sendo o Tiago, outra o Felisberto, ficamos super preocupados, mas hoje já falaram aqui que o Tiago foi visto no CentroPop, né, menos mal. Essa informação circulou entre pessoas diferentes, mais de uma pessoa falou sobre isso, sobre o clima da área estar pesado por causa dos assassinatos e então a galera fugiu para se safar. Por isso estamos bastante preocupados.

Por alguns segundos eu fiquei bastante assustada. Que horror! Porém, logo depois fui ficando desconfiada. Muito desconfiada. Ora, os olhos de muitos de nós, inclusive da prefeitura, estavam voltados para o Mercado por conta do censo. Uma treta dessa magnitude não passaria incólume, pois mesmo inviabilizaria nossa noite de pesquisa. Então, com o celular na mão, procurei informações na imprensa: nada. Perguntei ao pessoal do Centro espírita se tinham ouvido algo: nada, tudo normal nos cafés da manhã, nenhum bafafá. Perguntei ao pessoal da Abordagem de rua: ninguém ouviu falar sobre, mas se prontificaram a avisar o Movimento Nacional da População de Rua caso achássemos necessário para espalhar a notícia, fazer a denúncia. Nada sobre nas redes sociais. Eu estava no Centro e durante o censo nenhuma denúncia nesse sentido foi feita durante as abordagens da pesquisa.

Então, outras duas questões:

— Por que falaram apenas para nós da clínica e por que essa história assustadora?

Dias depois, conversando com Hugo da Abordagem social, ele disse que se o Centro estava esvaziado, a praia, sua zona de participação no Censo, estava lotada de pessoas em situação de rua, algo como o triplo de pessoas tendo como parâmetro o acompanhamento que eles fazem. A notícia do Censo se espalhou e uma tática de guerrilha contra a situação foi eles acharem jeitos e razões para fugir?

A cidade de Santos apresenta-se em estado de sítio para vários grupos. Nas vésperas, a polícia militar estava aterrorizando a população da divisa com Cubatão na guerra contra o tráfico, assim como estava fincando bandeira no túnel do José Menino para tomar para si aquele espaço que é um território de venda e uso de crack. Se a política é a substituição da guerra segundo Foucault, então estamos em meio ao fogo aberto. E como já disse, no comum, somos todos bichos à espreita; sabemos quando é hora de pegar o beco.

Tentando conversar sobre isso nas reuniões do grupo de quinta de movimentação da pop rua, essa minha hipótese sobre uma causa para esvaziamento provocou algum mal-estar entre os técnicos presentes. Porém, nunca

conseguimos conversar seriamente sobre isso, esse fluxo que eu iniciava era interrompido de várias formas:

— Desconfiança boba, Jacque, são nossos parceiros, dependem de nós, estão conosco – Disse um deles.

— Nunca... eles sabem que a gente tá junto deles, pode ver, topam e colaboram com a gente o tempo todo. – Complementou outra.

Na hora, eu pensei rapidamente em mais de três fabulações que um censo específico poderia ter suscitado e colocado em suspeita a participação, a resposta a um formulário, um possível fichamento. Pensei nelas, mas não falei, deixei circular a palavra. Aqueles corpos estremeciam diante de mim por tamanha aversão à ideia de que esses vivos resistem, que não está tudo dominado, que não são apenas passivos, amigáveis, sempre à disposição para tudo o que ofertamos.

Sinto isso acontecer algumas vezes, um mal-estar tomar espaço quando opto por uma interferência menos conformada pela dinâmica que envolve o *triângulo do drama*, aquele em que se formata as pessoas em uma das três posições: ou se é vítima, ou se é algoz, ou se é o redentor. É preciso certa resistência para atravessar a cortina de fumaça das queixas para chegar no que vibra, no que importa. É preciso desorientação suficiente para captar em pleno voo dessas pessoas um calor, uma força, um lampejo de singularidade e de fabulação de si nesse modo de existência em construção, de resistência apesar de tudo e de todos, de todas as dificuldades¹¹.

¹¹ Ecos com Peter Pelbart acerca do trabalho de Virginia Medeiros (2019, p. 225-227), quando diz dos desafios das condições de visibilidade e da política dos encontros com modos de existência como as do vaga-lumes, que apenas são enxergados e apenas vemos seus sinais quando deixamos de ver somente a noite escura ou a luz ofuscante dos projetores. Ressalto os trechos: “[...]Étienne Souriau postulou há décadas que há existências singulares que não basta reconhecer, mas que é preciso também “instaurar”. Por esse termo, o autor referia-se a uma operação que diz respeito mais a “responder” a um apelo do que propriamente a “criar” o que não existe. Em outras palavras, trata-se de “testemunho”, mais do que de “invenção”. Souriau referia-se a modos de existência que precisam de nós para se desdobrarem no seu esplendor, inclusive na autonomia a que têm direito. Seríamos por vezes como que testemunhas em favor delas ou advogados em defesa de seu “direito” a existirem *a seu modo*. Pode tratar-se de seres reais, imaginários, virtuais, invisíveis, que se metamorfoseiam —é esse pluralismo existencial que deveria poder ser sustentado. [...] Assim, existências liminares ganham visibilidade, consistência, autonomia, legitimidade, luminosidade, intensidade —basta que a artista invente os dispositivos consentâneos àquilo, àquela, àquele que reivindica um “direito” a seu modo de existência. É muito importante que esse dispositivo não seja o da redução do “entrevistado” a um objeto de investigação sociológico ou antropológico, mas antes o

A criação de territórios autônomos e comuns como o da Bacia do Mercado, seu alcance e partilha requerem alguns gestos para acompanhar esses viventes nômades em seus traçados, pede uma sensibilidade *psicotopográfica*, a qual nos permite captar que os territórios autônomos e temporários dos nômades fogem aos mapas mais rígidos e aos holofotes que a tudo querem iluminar. Sobre isso, penso com Hakim Bay quando ele diz que:

Imensidões embutidas e escondidas escapam da fita métrica. O mapa não é exato, o mapa não pode ser exato. O mapa está fechado, mas a zona autônoma está aberta. Metaforicamente, ela se desdobra por dentro das dimensões fractais invisíveis à cartografia do Controle. E aqui podemos apresentar o conceito de psicotopologia (e psicotopografia) como uma "ciência" alternativa àquela da pesquisa e criação de mapas e do "imperialismo psíquico" do Estado. (...) Estamos à procura de "espaços" (geográficos, sociais, culturais, imaginários) com potencial de florescer como zonas autônomas —dos momentos em que estejam relativamente abertos, seja por negligência do Estado ou pelo fato de terem passado despercebidos pelos cartógrafos, ou por qualquer outra razão. A psicotopologia é a arte de submergir em busca de potenciais Zonas Autônomas Temporárias (2001, p.8)

Voltando ao caso dos assassinatos, somente três semanas depois ficamos sabendo que ocorreu de fato uma morte naquela ocasião. Contaram lá no Centro Espírita, com todo esse atraso. Entretanto, não foi morte matada, foi morte morrida. O Felisberto, que espalhava alegria em suas participações nas rodas de música, teve um ataque fulminante e morreu ali perto do canal, sendo acudido pela família dele que morava nos cortiços logo em frente. Firmino bebia bastante. Chegava a cair

disparador de uma subjetivação em ato, de uma fabulação em curso que cabe à artista captar em pleno voo. Mas não se trata apenas de palavras: é preciso incluir todos os mínimos gestos, as tensões, as fantasias, os clichês, as ameaças, as roupagens, os paramentos, as fotos, os amuletos que são componentes indissociáveis dessas existências e dos territórios que elas construíram. Embora a artista vá à cata desses territórios ativamente, nos becos mais recônditos das cidades, a verdade é que, quando os encontra, ela se coloca como alguém que está disponível, que responde ao apelo de uma obra em curso —entendendo-se por "obra" também uma pessoa, um estilo, uma história, não apenas uma escultura, um poema, um escrito. E tudo isso, inclusive a vida dessas pessoas, é uma obra em curso que requer dela como que uma "solicitude". Pois demandam ser prolongadas, completadas, ecoadas, intensificadas, insufladas ... As personagens que Virginia encontra são subjetividades a céu aberto, por vezes literalmente vivendo ou trabalhando na rua, produzindo ali não apenas seu sustento, mas seu território existencial, afetivo, seu mundo de signos, sua glória, sua fama ou infâmia, seu esplendor ou estertor".

dentro do canal de bêbado. Conversávamos bastante, às vezes na roda de música, outras na mureta do canal, outras perto da universidade. Um dia, ele me disse:

— Sabe filha, eu fico por aqui, mas eu não sou morador de rua. Eu morava aqui perto. Sabe o que é, é que minha ex mulher, tá viva ainda ela, mas ela tem muitos problemas de saúde, de coração, daí pra não piorar a situação dela com nervoso das brigas eu preferi sair de casa pra deixar ela em paz. Eu não vou lá, né, ela tem um novo homem e não sou de caçar confusão, mas minhas filhas trazem comida aqui pra mim, conversam comigo. Minhas filhas me consideram muito. Ó, meus netos, um dia te mostro eles, eles vivem por aqui, ficam comigo. Ah, eu amo demais aquelas crianças!

— Eu lembro que no dia da festa, ali na praça de trás da catraia, quando a gente tava com as tintas, você pediu pra gente escrever os nomes de todos os seus netos na camiseta que você vestia...

— E foi? Não lembro... Cachaça não faz bem pra memória kkk

— kkk Foi. Mas... Felisberto... suas filhas não tentam levar você de volta? Você já pensou, quis fazer um tratamento para tentar beber menos?

— Ah menina... Zé Felisberto é bicho solto. Ninguém me controla não.

Atores e papéis, jogo de cena

Cheguei com muita vontade de encontrar os parceiros nessa roda de música. Nas duas últimas eu não estive. Fez muita falta para mim aquele lugar. Essa roda foi diferente. Nessa, cocriamos ritmos tranquilos que sustentaram presenças serenas para nada.

Era uma noite de novembro, uma brisa fresca vinha do mar e aliviava o calor do verão antecipado de Santos. Eu estava sentada numa cadeira branca de plástico

junto ao muro amarelo do Mercado quando Assis, um maceioense de uns 60 anos de idade chegou. Já nos conhecemos. Pouco depois de algumas amenidades trocadas sobre a qualidade do dia e do tempo, ele disse:

— Hoje eu to aqui no Mercado, nessa situação, no abrigo. Podia estar diferente. Minha família é uma família de posses. Meus dois filhos estudaram, minha filha é psicóloga como você, o outro filho trabalha com umas coisas de transmissão, comunicação, coisa assim. Sei que se eu pedisse, eles até vinham me buscar... Mas eu não quero... E eu nem sei exatamente o motivo de eu estar nessa situação se podia estar em outra. Mas eu to aqui. Eu era confeitoiro de um hotel grande lá em Maceió.

— E você fala com seus filhos? Eles sabem seu paradeiro?

— Não, nem quero que saibam. De vez em quando, quer dizer, faz tempo já, eu pedi pra ligar lá do abrigo pra minha filha. Falei que tava bem, que não se preocupasse mas que também não esperasse por mim, não ia voltar, tava ainda viajando. Ela deve pensar que eu to viajando de navio em navio, que foi como eu saí lá de Maceió.

Ele me disse que veio pingando de lugar em lugar até chegar a Santos. Está há mais de um ano na casa de acolhida temporária da prefeitura

— Um ano e meio?

— Pois sim, tem isso, pra mais até. Seria menos tempo, não é? Eu também estranho estar durando tanto tempo, costuma ser menos, eu sei, são poucos os que ficam tanto tempo assim, entram e vão embora. Alguns querem e não conseguem. Eu fui ficando.

Depois de um tempo em silêncio, disse:

— Acho que é porque as pessoas gostam de mim – me disse e sorriu. Eu sorri de volta. Por um tempo observamos os movimentos ao redor em silêncio.

Pessoas passando indo e vindo da catraia, homens falando alto no bar em frente, a música e as vozes na roda de música. Depois, ele voltou a contar coisas:

— Uma vez, Jacqueline, eu não consegui dormir a noite toda porque chegou um novato no quarto, no beliche de cima do meu, e o cabra roncava muito, olhe, muito alto. Não reclamei, sabe como é... fazer o que também... não tem jeito, pronto, fiquei na minha. Mas assim que minha técnica de referência chegou eu fui lá pedir para ser trocado de quarto. Sem fazer caso, nem nada, não queria intriga, mas não podia ficar mais uma noite sem dormir. Pois bem, e não é que na noite seguinte já tinham trocado o roncador de lugar? Kkk Eu fiquei pensativo... Vê, é disso que eu falo, eles gostam de mim.

E emendou:

— É... eu gosto mesmo de conversar, por isso que venho aqui. Eu não gosto de ficar perto de alguns aí, sabe, só falam de drogas e outras besteiras, brigas, confusão, mulher... É... às vezes é barra pesada. Pensando nisso agora, eu converso mais com quem trabalha nos lugares do que com os outros, assim, como estamos aqui. Tem mais papo. Agorinha, antes de vir pra cá, eu passei a tarde aqui na Vila Criativa, a daqui de trás, tomando aula de marcenaria. É bom, muito bom, já fiz outros cursos lá, tô nesse agora. E lá os professores gostam de mim também, também consigo gente pra conversar coisa assim, interessante. Passo o tempo né, ocupo a mente, arranjo coisas pra fazer. E eu sou bom, sabia? Faço direitinho e termino muito antes de todos. Povo tá lá quebrando a cabeça e eu já terminei hihhi.

— Aí ce tem mais tempo pra conversar, né? – Eu brinco.

— kkkkk Sim, exatamente.

Assis conta mais sobre esse papel que percebo que alguns deles vivem nesse processo de institucionalização: se dão bem os mais obedientes e mais articulados.

— Sabe o que é? Quando eu acordo, todo dia, a primeira coisa que eu faço é rezar pra Deus pedindo para ser sempre bem quisto pelas pessoas ao meu redor. Olhe, não tem nada melhor que isso. Rezo para não me meter em encrencas, pra todo mundo gostar de mim... Só o que eu quero é isso, Jacqueline. E tem dado certo.

Vejo Cláudio chegar na roda. Coisa rara a presença dele ali. Sem pensar muito nos efeitos, eu disse:

— Assis, o Cláudio chegou ali, você se incomoda de eu chamar ele pra ficar nesse canto com a gente? Eu passei semanas esperando ter um momento pra mostrar pra ele uma coisa que achei dele na internet.

— De forma alguma, pode chamar. Ficamos juntos. Eu já falei bastante.

Cláudio vem me cumprimentar e eu peço pra ele ficar. Eu falo:

— Cláudio, senta aqui comigo e com o Assis? Quero te mostrar uma coisa.

— Sim. O que você tem aí?

— É uma coisa que eu queria te mostrar tem semanas já, mas não tive a oportunidade. Cara, eu pirei quando eu achei esse negócio da internet, um vídeo, Cláudio, um vídeo de 4 anos atrás...Pirei, Cláudio, eu PIREI!

— Ah, não! rrsrs Será que é o que tô pensando...

Mostro o vídeo e ele confirma que é sim o que ele estava pensando.

— Cláudio do céu, que que foi isso? Como você está diferente!

— Achou muito diferente, Jacque?

— Muito diferente, cara! Aqui ce tá um italiano em veraneio. Mostrei pro Alê, meu professor, lembra dele?, e ele disse que ce tava um ator de Pasolini, forte, vivo, num verão alegre. Apenas 4 anos atrás... O que aconteceu?

Cláudio sorriu. Ficou em silêncio por um tempo e então desviou o olhar. Daí foi como se estivesse se preparando para entrar em cena: desencostou da cadeira, abriu o peito, mudou o ar e começou a me contar sua história a partir de seu contato com o teatro.

— Sabe, Jacque, teatro é muito importante pra mim. Foi o que me jogou pra vida! Eu tinha quatorze anos, foi meu irmão que começou e depois me levou junto. Sabia nada da vida, era um molecote, ficava ali no Morumbi, um Morumbi que não existe mais, com rua de terra e tudo, era um bairro afastado da cidade. Eu brincava muito na rua, só pensava em futebol. O teatro me despertou pra vida. Foi quando eu comecei a ir pra cidade, experimentar, viver! O Bexiga, o Arouche, O luxo e o lixo... Ah que tempo aquele... Conheci muitos mundos rsrs.

Rimos juntos, os três.

— Eu sabia do seu lance com teatro, mas ce nunca me deu detalhes, e olha que eu tentei, hein rsrs

— Mas eu não falo mesmo. Sou difícil nisso. Meu interesse é o outro, não o eu, falar de mim, do que sei. Sei muita coisa. Vivi muita coisa. As artes que moldaram isso que eu sou hoje. Claro que estou sempre em movimento, mas a base tá ali. Tempos depois, já como ator me chamaram para trabalhar como modelo fotográfico. E fiz muita coisa com isso, conheci muita gente, muitos lugares, fiz muito dinheiro, tive um filho, mas era difícil para mim isso de casa, família, tentei algumas vezes, não deu muito certo.

Falava sem corromper nenhum fonema, olhando nos olhos, gesticulava. Assis e eu prestávamos atenção.

— Esse vídeo aí, eu já estava aqui em Santos depois que meu terceiro casamento se desfez. Tive um tempo em Goiás. Depois fui pra Ilha Bela e de Ilha Bela pra cá. Parei no Mercado. E o Mercado, sabe como é, fiquei. Na época tinha uma equipe de teatro fazendo um trabalho no CentroPop, coisa da Maria Serratore, conhece ela? Topei na hora, fizemos muitas peças do Plínio Marcos aqui no Centro. Plínio Marcos, ora, é isso aqui, isso tudo, essa calçada, aquele bar, o porto, toda essa gente.

Prestamos atenção ao redor por um tempo.

— Tem o vídeo do Manoel também, não? Deixa eu ver? Bota aí no seu celular que não tenho celular ainda, mas assim que eu tiver vou recuperar esses vídeos.

Coloquei o vídeo, ficou difícil assisti-lo em três pessoas. Assis decidiu ir embora. Se despediu. Agradeceu pela conversa. Foi pra mais perto da música e de outras pessoas.

Cláudio devolveu o celular. Me disse:

— Essa época aí foi boa. Muito boa. Eu e o Manoel ficamos amigos. Você conhece ele, né? Muitas drogas, muita coisa rolando. Tentamos montar um grupo de produção artística, cinema, tevê, o que fosse estávamos topando. Mas não deu certo. Seguimos no fluxo até que não aguentamos mais. Mas foram bem uns quatro anos nisso.

Paramos, olhamos ao redor. Boa parte dos que estavam na calçada da roda de música conversavam, sentados em almofadas no chão ou nas cadeiras de plástico da Abordagem. Até a música parou por um tempo para abrir espaço pra conversas.

— E, veja só, parece que tem algo desse histórico aí, esses quatro, cinco anos aqui no Mercado, para não me darem uma vaga no abrigo. Estou na rua de novo.

— Sim, fiquei sabendo... Conversamos sobre isso na reunião da manhã do grupo de quinta. O Hugo tá bastante chateado, escreveu uma carta para o conselho e tudo mais. Do relato da Elisabeth sobre a reunião, entendi que tem algum ressentimento antigo no processo todo mesmo. Enfim. Mas, e agora, ce ta preparado pra aguentar isso?

— Estou tranquilo.

— Daora!

Tempo depois, quase ao final da roda, vejo André chegar. Fazia mais de um mês que eu não o via, mas dessa vez foi porque eu que fiquei fora da cidade, eu que precisei de um tempo. Eu estava ansiosa para saber como ele estava. Ele vinha sorrindo, coluna ereta, bem vestido. Nos cumprimentamos. Perguntei como ele estava. E então um ponto e virada: ele desviou o olhar, fixou em um ponto longe à esquerda, gaguejou, afinou a voz. Disse não com a cabeça e se retirou. Cumprimentou outra pessoa. Me olhou e então voltou para o meu lado. Ê laiá, lá vem, pensei.

— Eu to malzão.

— Tá mal? Ora, não parece...

— Tô mal sim. – Aí entrou em cena, num dramalhão mexicano – Tô com dor aqui no peito, dói muito, desde aquele fora que você me deu, sofro mu/

— Péra, André. Cara... Isso aqui é Mercado, tru, não é Pokemon! – Ele riu olhando o chão, sacou a referência¹², sacou o movimento. Eu continuei:

¹² Um jogo com Racionais MC's, Vida Loka parte 1: "How, how Brown/Acorda sangue bom/Aqui é Capão Redondo, tru/Não pokemon/Zona sul é o invés/é stress concentrado/Um coração ferido por metro quadrado". Racionais, que Mano Brown atualmente diz ser um péssimo nome para o grupo, que se fosse hoje colocaria o nome de Sentimentais, pois tudo um bando de bichos sentimentais, doloridos, sozinhos.

— Você sabe muito bem o que eu estou fazendo aqui. Ce tá viajando, cara. Ce não vai me comprar com essa de coitadinho. Não tenho dó de você.

Ele me olhou fundo. Ele sacou. Me disse:

— É... “Me ajuda a te ajudar”, né?

Saiu de perto de mim sem se despedir, indo pra mais perto dos instrumentos. Eu perguntei pra alguém:

— Já estamos nas músicas de saideira?

Há um jogo de cena e gestos específicos de respostas a ele quando estamos diante de pessoas que já viram de tudo, como André já me disse, com quase 30 anos sendo assistido pelos serviços de assistência e saúde do Estado. São muitos os jeitos incorporados em busca de determinados gestos como resposta, por vezes gestos afetivos, de compra da causa, de aceitação e reconhecimento. É difícil dizer isso abertamente, posso passar por uma pessoa má, sem coração, sem consciência de classe. E parece que não só comigo: uma vez, com um documentarista que conviveu com viventes das ruas da cidade de São Paulo, encontramos alento um no outro ao irmos percebendo que poderíamos falar abertamente, sem julgamentos, e assim fizemos, partilhamos exatamente ao mesmo tempo essa observação: “são ótimos atores, não são?”. Eles sabem do efeito dos olhos nos olhos, da cabeça baixa, da mão no coração, das lágrimas. E eu poderia conquistar tudo deles com uma mão no ombro, um tapinha nas costas, uma palavra de conforto, um consolo, uma previsão de vitória na luta contra seus algozes. E justamente por isso preciso tentar outras coisas ao invés de fazer cócegas no sentimentalismo (DELIGNY, 2020, p. 20).

Teve uma vez que André estranhou:

— Eu vim atrás de você e é isso que você me diz? —Eu balancei os ombros e a cabeça. Dias depois ele veio ao meu encontro, estávamos no Mercado, mas não fui atrás dele. Esperei. Ele veio e me disse:

— É, eu nunca tinha encontrado uma psicóloga como você. Achei que psicóloga era isso de mão no ombro, coitado de você, os outros que são foda né, vai lá, tenta de novo, vai dar certo. Mas você não, você me provoca, construo as paradas pra te dizer e você destrói, você é uma diaba mesmo. Diaba! Mas vai lá, faz seu trabalho, tamo junto, to aprendendo, uma hora eu aprendo.

Ele me disse isso, mas depois foi conversar sobre isso com a minha supervisora em campo, ver se ela concordava com esses gestos meus de uma clínica ímpia. Ele sabe todos os procedimentos, realmente.

Como eu dizia, é difícil essa posição diante de tudo que fui vivendo com os que vivem, trabalham e circulam pela Bacia do Mercado. O convite a me sentir envergonhada por não dormir no chão, por não lutar aos moldes da militância pela libertação dessas pessoas de sua condição passa pelo meu corpo, me afeta. Por vezes tenho que me afastar de alguma parte da rede para ficar forte e continuar existindo por ali e fazendo o que tenho que fazer. Isso porque, o encontro com os ditos moradores de rua, foram abrindo para mim uma série de fabulações, as quais marcam os encontros institucionais ali: a fabulação da racionalidade, a fabulação da pequena saúde, a fabulação do homem remediado, criativo e empreendedor de si.

João, outro vivente do Mercado, tentou mudar de vida. Ex-pirata, parou de beber, entrou no Projeto Fênix, alugou um quartinho, arrumou uma namorada que logo depois engravidou. Comia as unhas ao falar sobre a iminência de alcançar o 18º mês de trabalho – data em que ia acabar seu contrato temporário. Já estava na porta de saída da assistência social, para onde voltaria? Como continuaria morando em um quartinho sem receber o salário-mínimo da bolsa como auxiliar geral vinculado ao projeto? Pois então renovaram o contrato, o que lhe aumentou as

esperanças na vida fora da rua. Um dia, João caiu enquanto consertava um telhado da prefeitura; trabalhava sem equipamento de segurança, morreu na hora. Eu, quando soube, chorei de raiva e de saudades.

Penso que ainda vale ressaltar o grande vacilo que é repetir cotidianamente os gestos que buscam a ortopedia dos modos de vida e o melhoramento das vidas, pois reafirmam o modelo neoliberal de uma existência bem sucedida: a vida útil. Nossos corpos, pura intensidade, vão se moldando a partir dos encontros e suas afetações. Alguns corpos, os mais militantes, foram se moldando afetados pelo medo da sujidade, da falência, da errância e do mito colonial do vazio das almas. Das afetações que fui produzindo em comum, eu fico com as que me atravessam a partir da simpatia para com esses modos de existências que aberram a seus próprios modos.

Simpatizar com os movimentos de outrem é encontrar fabulações, crenças, ficções e ilusões, marcas que permitem acompanhar o que move alguém a suportar a existência e a produzir uma vida, se movimentar, atender necessidades, partilhar encontros tristes e alegres. Nos exercícios dessa clínica comum, com todos os encontros que compartilho aqui, sou simpática não por uma crença humanista moralista, mas porque a simpatia permite uma experimentação com os signos e afetos no decurso de uma aprendizagem conjunta que se joga na vida e no exercício de viver.

Um lar e não

Lúcia e Mike estavam de casa nova. Mike estava com a chave do quarto amarrada em um cordão que ficava pendurado em seu pescoço quando me contaram a novidade, em uma tarde que passei por lá para saber deles, no Mercado. Ia começar o inverno dentre poucos dias.

Lembrei-me que ao final do verão, voltando das férias, eu ficara um tempo de longe reparando no casal, na esquina deles. Ela vestia uma calça jeans colorida, sapato colorido, estava com cabelo arrumado e pintado de acaju, um *black power*, óculos de sol com a armação dourada no formato de coração. Com o corpo ereto, peito empinado, ela falava alto, cheia de gestos, danças, e fazia graça com algumas pessoas ao redor.

Hoje, inverno chegando, ela estava com o cabelo todo grisalho, o corpo parecia menor, achatado, acorcovado, vestia roupas de tamanho muito maior que seu corpo, falava baixo, quase rouca. A dona da rua não estava mais ali. Mike também estava diferente, corpo amadurecido, cabeça baixa, rosto com muitas marcas, rugas, todo endurecido. Não parecia nem de longe o pai poderoso e divertido de vários filhos ali do Mercado.

— Alugamos um quartinho ali na Elisa Macuco, perto de vocês – Me diz Lúcia.

— Sim, da janela fico vendo vocês estudar – Mike disse

— É um mentiroso! – Disse Lúcia.

— Em que parte dela? – Perguntei

— É ali entre o Porto e a Silva Jardim. Quando ce passar ali, procura pela parede que tem um símbolo grandão do Santos, o time. Nosso quartinho fica naquela janela em cima do símbolo. Olha lá que ce vai ver nossos panos pendurados – Mike detalhou.

Eu sabia onde era. É em uma área que no bairro chamam de *rua dos psicos*. *Psico* é um jeito de chamar pessoas que estão “loucas de drogas”. Alí, eles estão morando em frente à lateral da carcaça de um prédio histórico cuja calçada hoje é local para abrigo de pessoas, venda e uso de drogas. A prefeitura de Santos até tentou incluir esse lugar no dito plano de revitalização da região, no qual por exemplo a UNIFESP entrou ocupando alguns quarteirões de prédios antigos e

abandonados. Mas, esse prédio histórico da rua dos psicólogos, sua reforma e ocupação por uma outra universidade pública não saiu do papel.

Lúcia continuou:

— Mike arrumou esse trabalho e estamos tentando nos reerguer. Ter um lar. É difícil, filha, tem tanta coisa para comprar e arrumar que você nem acredita. Só conseguimos arrumar um colchão e uns panos. Agora é trabalhar pra conseguir comprar o fogão. E depois trabalhar mais pra conseguir comprar o botijão. E depois mais uma caminhada até conseguir comprar o gás do botijão.

— Bem dizer lá a gente só vai pra tomar banho e dormir, a gente nem tem nada ainda. Ficar nesse calor dentro de quatro paredes esburacadas e mofadas?

— Sou nem doida! – Lúcia respondeu. Mike continuou:

— Aqui a gente tem o que fazer, tem distração, tem comida... Eu trabalho cedo e já fico aqui. Só vamos embora pra dormir.

— Você tá trabalhando com o que Mike?

— Eu ajudo em um armazém. Carrego carga. Pesado... A idade bate... Fico todo quebrado. Fia, to aqui de pé, mas to cheio de dor.

— Quebrado mas é o jeito. A gente tem que dar esse jeito, se não for agora não vai ser nunca mais. Vê, eu e ele, a gente tá velho. Se não for agora a gente nunca mais sai da rua, nunca mais para de beber. Não dá mais para ficar na rua. A bebida ainda vai matar a gente.

— E eu não sei, Mãe? Fia, sou eu que tenho que segurar as pontas pra Mãe diminuir um pouco o álcool. Essa daí gosta!

— Gosto mesmo! Vai dizer que tu não gosta!? – E seguiu:

— A rua é assim mesmo. É difícil sair dela. Não sei, mas parece que só dá aqui na rua. Não tem outro lugar. Eu cresci aqui, foi sempre assim. Mas, também tem aquilo, a gente se diverte, não dá pra negar.

— Já nos divertimos mais! – Mike interrompeu seriamente. Lúcia prosseguiu, voz baixa e rouca:

— Parece até um castigo. Tantos anos...

Depois disso, tendo completado quase três semanas de inverno, na noite mais fria do ano, encontro os dois deitados, encolhidos e agarrados um ao outro no canto deles do Mercado, um dos poucos lugares que têm uma marquise. Fediam muito a urina. Perguntei o que faziam ali. Mike completamente rouco me disse:

— Eu assumi pra mim mesmo que não podia mais trabalhar carregando peso, não dá mais pra negar minha idade, fia. Daí pegamos o último dinheiro e fomos nos divertir com um amigo, passar o feriado fora, um grupo de pagode, ce tinha que ver, a mãe se divertiu à beça.

— Quando chegamos o quarto já era de outro, só entregamos a chave – Lúcia disse – E voltamos pra rua...

— Era o jeito – Mike completou.

Apareceram mais alguns e logo éramos uma roda. Lúcia foi comprar bebida na barraquinha 24 horas da outra esquina, na Catraia. Começaram a fazer uma batalha de rima, numa disputa de rap entre um cara com pose de bandido mal, Mike e Juliane.

— Tá com celular? Filma aí e bota no Youtube. Vamos ficar ricos.

Meses depois, no outono, já na pandemia, Lúcia morreu. Uma história que não entendi direito e que ainda não escutei diretamente de Mike, pois, por causa do isolamento social, não estou mais com meus próprios pés nas ruas.

— Caiu no canal, canos de alta pressão levaram o corpo dela, nunca nem acharam. O seu Mike Lee está viúvo – Me disse Lavínia, por telefone, do seu canto de dormir na escadaria do Fórum da cidade.

— Eu não acredito, Lavínia, como assim? Que canos são esses? A água ali bate na canela...

— Pois pode acreditar, ela morreu, a história eu também não sei direito, só sei que tão falando que foi assim, foi levada pelos canos, água de alta pressão, coisa do porto talvez... Nem enterro teve, menina. Amanhã vou atrás do seu Mike e te ligo, você fala com ele em pessoa, pode deixar.

Ela fez o corre. Me ligou. E por telefone eu não tive coragem de pedir que ele me explicar melhor como foi ela morreu. Falamos por pouco tempo. Eu não sabia o que dizer; ele em silêncio.

Na rua tem disso, uma mudança de vitalidade e presença do corpo que me impressiona. Coisas parecem agregar e desagregar muito rapidamente. Além de ver tais mudanças nos corpos de Mike e Lúcia, vi também com o Velhinho, que de um mês pro outro rejuvenesceu, parece que desemborcou, ficou forte, saiu do perímetro do canal. Eu estava já na esquina da Bittencourt com o Mercado e parei na calçada quando o vi cruzando a rua, depois que conseguiu escapar de uma mulher que lhe puxava o braço, queria acertar com socos cegos sua cabeça e lhe chutava a perna. Quando apartaram a briga, ele deu uma corridinha para atravessar os carros e ela gritou:

— Você mexeu com a puta errada, maldito!

Viu que eu tava olhando, veio na minha direção:

— Que que foi aquilo, velhinho?

— Nada, nada... – Fez um gesto na cabeça como que indicando que ela era louca.

— Deixa pra lá, to indo trabalhar. Até mais! – Disse e seguiu com passos ágeis, bolsinha a tira colo.

Outro estranhamento desse tipo tive com Josué. Nossos primeiros encontros foram produzidos durante nossas primeiras incursões no Mercado, quando ainda marcávamos presença com cinema. Nessas, me lembro de tê-lo ouvido falar:

— Underground, Alexandre... Traga coisas mais underground da próxima vez, filmes de arte mesmo. Se meu notebook ainda funcionasse, eu teria alguns para expor aqui...

Coisa de três meses depois, tive muita dificuldade para reconhecê-lo nas oficinas da cartografia no Mercado. Ele estava sentado do meu lado. Somente quando começou a contar suas histórias e seus movimentos é que eu liguei os pontos. O Josué desse momento era muito menor, bem pequeno mesmo, aparentava ser um senhorzinho de idade avançada, de barba comprida, com os e as pernas trementes. Parecia todo cinza, não fossem alguns ferimentos sujos de sangue amarronzado no rosto e no braço.

Antes, Josué era alto, gordo, alvíssimo, dividia um quarto de cortiço com Danilo, um parceiro. Rolava um apoio mútuo, se cuidavam, dividiam as granas, os corres e o sonho de fazer algo grande juntos, algo artístico. Ambos são muito chegados às artes, um interesse em comum, assim como era o álcool, cujo relacionamento com a droga Danilo carrega tatuada no peito e já me mostrou algumas vezes, cada uma como se fosse a primeira vez.

Durante a oficina, Josué contou para alguns de nós, enquanto estávamos todos apoiados sobre um grande mapa da cidade de Santos no qual íamos marcando territórios com notas e rotas em cores contrastantes, que ele e Danilo estiveram na parceria até o começo do ano, momento em que algo entornou – rolou uma briga feia da qual foram os perdedores e tiveram que ir embora do Mercado, se

distanciaram. Danilo buscou tratamento em uma comunidade terapêutica filiada ao CAPS-AD em que era atendido, e Josué foi para o interior de Minas Gerais à procura do filho. E só soube lá, batendo na porta da casa do filho, que este tinha ido embora do país com esposa e filhos. Conseguiu ficar o alto verão nessa cidade mineira com a ajuda de um antigo conhecido. Trabalhou na roça, parou com os remédios psiquiátricos, com a bebida em excesso. Quando acabou essa oportunidade, sem outro apoio possível, voltou a Santos. Hoje, quase um ano depois desse retorno, Josué está cursando aulas no cursinho popular gratuito da Unifesp, o Cardume.

Quem nunca vi mudar nesses dois anos é uma moça que às vezes atravessa as bordas da roda e noutras cruzamos enquanto andamos por alguma via do Centro da cidade. Com frequência nos vemos, ela sempre muito louca, muito suja e carregando um rolo de cobertores grossos debaixo do braço. Outra mulher que passou a maior parte da sua vida na rua me disse que mulheres que dormem nas calçadas, para dormir em paz sem a companhia e garantia de um homem ao seu lado, se enrolam em cobertores grossos para que quem passa ao largo não saiba que se trata de um corpo de mulher ali.

Eu sempre quis conversar com ela, mas ela nunca deu trela. Passa falando alto, às vezes até dança ao som da música, sozinha, nas bordas, mas desvia o olhar, desvia o corpo quando alguém chega perto. No entanto, uma vez, ela falou comigo. Eram 20h da noite de sexta-feira, eu aguardava uma carona pra subir a serra, sentada numa lanchonete de frente da Praça dos Andradas. Eu detesto essa praça. Suas árvores são ninhos de ratos, à noite é possível ver muitos deles se movimentando entre os galhos, troncos e raízes. Eu tenho horror a ratos. Ela apareceu, ficou na divisa entre a calçada e a lanchonete encardida. Olhou pra mim e me disse, falando muito rápido:

—Me dá um dinheiro, to querendo um pão de queijo.

Peguei dois reais que tinha no bolso e dei. Eu já ia puxar assunto quando fomos surpreendida por uma outra mulher que vinha lhe mostrando mais uma nota de dois reais na mão. Ela pegou a nota com as pontas do dedo em pinça, foi extremamente veloz nos movimentos. Olhou para as duas notas em sua mão, olhou

pra mim, e, antes que eu conseguisse abrir a boca novamente, ela saiu correndo. A mulher ficou lamentando:

—Merda! Devíamos ter dado o pão, não o dinheiro. Agora ela não come nunca mais.

5 – FIM DE PARTIDA, MANTER-SE EM LIGAÇÃO

Pequenos azarados? Veremos. Deixe que as boas almas caridosas façam cócegas no sentimentalismo. Você, faça seu trabalho.

— FERNAND DELIGNY

O contratempo sofrido por outra pessoa nos ofende, nos faz sentir nossa impotência e talvez nossa covardia, se não acudirmos em seu auxílio... Ou na dor alheia vemos algum perigo que também nos ameaça, pois ainda que só seja como sinais da insegurança e da fragilidade humanas, os infortúnios alheios podem produzir em nós penosos efeitos. Rejeitamos esse gênero de ameaça e de dor e lhe respondemos por meio de um ato de compaixão, no qual pode existir uma sutil defesa de nós mesmos e até algum resquício de vingança.

— NIETZSCHE

Um procedimento esperado no decorrer de certas pesquisas é que se faça uma revisão bibliográfica das produções mais recentes sobre o mesmo tema, campo, problema etc. A maioria dos trabalhos que revisei mantinha um mapa muito parecido entre si, um trajeto que começa com a explicitação da questão social dita como causa direta do fenômeno, depois ressaltam-se os estigmas em torno do morar na rua e usar drogas, e então chega ao final reinvestindo a política pública como sendo o projeto por excelência capaz de ordenar da vida e fazê-la ser do jeito que deveria ser – a cura para as dimensões da vida e seus jeitos de funcionar tidos como *disfuncionamentos* sempre que diante de um ideal de sujeito.

Nas incursões desta investigação, no corpo-a-corpo, o desenho/meta descrito acima me parecia um anteparo nos encontros com outrem, com seus sofrimentos determinados, suas ditas vulnerabilidades - o que foi um dos analisadores importantes desta pesquisa, tal qual vem se anunciando desde a abertura deste trabalho. A referida meta emite sinais que atravessam e produzem territórios, instituem corpos, marcam com seu tônus e ritmo boa parte dos processos contínuos de criação de demandas entre quem circula, trabalha e vive naquele bolsão da cidade de Santos.

Em seu teor, essas demandas prospectam reformas de si (melhoramentos, ortopedias) em prol do bem-estar e do reposicionamento (vários “re”, ressocialização, reabilitação, reinserção no mercado) daquelas vidas, uma ideia que não apenas trás algo dos regimes disciplinares ao supostamente elevar o indivíduo à categoria de finalidade da existência, isto é, partindo do indivíduo, um ser determinado, e que se vive e se determina como tudo “deveria ser”, mas, também das sociedades de controle com a *alma empresa*, um *gás* por todo o lado, mobilizando constantemente com programas sociais que trazem novas motivações, marketing (DELEUZE, 1992, p.221).

Esse jogo de cena que tenta *fazer morrer* quem está na rua - e que tagarela a lógica do empreendedorismo de si e do bem-estar - colocando a chamada qualidade de vida no centro, dramatiza uma verdade que é dada pela hegemonia do modo de vida para o mercado, o da classe média tomada como padrão, propagada como um imperativo político, econômico e cultural sobre os modos de existência menores. Acompanhei modos de vida minoritários, desviantes ou mesmo nascentes, experimentais, por descobrir, e também o que pode ser considerado como o “sacrifício da positividade existencial de populações inteiras de seres”, quando o caso seria o desviar “multiplicando os mundos a fim de acolhê-los” (PELBART, 2014, p.256).

Nesta investigação interessou uma sustentação dos encontros, o desejo pela diferença e uma instauração radical de vidas a partir de seus próprios modos de criar a existência.

Acompanhei esforços ético-políticos de ênfase no indivíduo dos direitos, que acabavam por colocar o dito indivíduo como centro da vida, uma marca do liberalismo, questões tratadas por Figueiredo (1993) até mesmo para pensar a militância como modo de vida que enreda os profissionais e viventes na rua. No

entanto, as travessias dessas lógicas por nossos corpos operam sofrimento em diversos graus, por diversas formas. Há um enfrentamento por vezes intocado, inconsciente, por conta da ameaça de desintegração inerente a esse movimento de colocar o indivíduo como centro da vida, um marco do liberalismo. Assim, tão-somente reconhecer essa impotência no outro, naquele que dorme na rua, cuja *fama* é a falta, laços sociais rompidos, uso de drogas como resposta a uma dor, a uma sociedade desigual e a uma família desestruturada, é um prato cheio para saídas rápidas pela religião da caridade, da compaixão, mesmo em sua chave latente na qualidade de vida, de bem-estar, de direitos-técnico-psicológico-assistenciais¹³.

Nesse campo problemático, tentei pesquisar com o que foi me afetando, em quase três anos nessa clínica comum a céu aberto. Tive que escrever para compartilhar questionamentos, afetos, um exercício, fugas das capturas de empreitar outrem, da piedade, do sentimentalismo, dos direitos individuais, um trabalho, pensamento com as intensidades no corpo. Não escrevi para explicar o vivido, analisar “os dados coletados em campo”, confirmar teorias, tampouco para fazer um manifesto em prol de algo ou contra. Os dados aqui foram produzidos em um acompanhamento mútuo, com sujidades da vida, no entrecruzamento de mundos que iam ao modo errante, pouco precisos, gestando e cuidando de algo no caminho.

Certos movimentos de feitura da pesquisa testemunham os passos de tantos outros que me antecederam e outros com quem partilho a caminhada na perspectiva de “uma apreensão afetiva e inventiva que ao se efetivar se torna uma proposição: o reconhecimento de um espaço e um saber-fazer simultaneamente político e clínico na experiência em comum” (INFORSATO, 2010, p.18). Foi uma tentativa – termo caro a Deligny - de acompanhamento supra moral de vidas inventando pela simpatia, um método de emoção, conhecimento do outro dado pela convivialidade, por dividir, produzir um plano, pelo encontro em ritmos cocriados em rede, para que se perceba, experimente e escute de qual lugar um outro qualquer age e se enuncia, pela vontade de estar com aquilo que me afeta, me desterritorializa e me faz advir (idem, p.52).

¹³ Acerca disso, na esteira de Nietzsche, Caponi (1998/1999, p.95) refere uma questão da compaixão, que é apenas um traço da problemática, e que diz: “compadecer equivale a depreciar o outro” ao passo que multiplica a existência de relações sempre dissimétricas entre quem cuida e é cuidado, além de “despojar a dor alheia do que ela tem de pessoal, de individual, de único e de irrepetível” (p.92).

O pesquisar aqui foi picado pelo interesse de precisar problemas, expressar questionamentos, para quem sabe conseguir rastrear redes em operação e se manter em ligação, destituindo como pude a certeza de que alguém se faz e se mantém por si mesmo e de que precisa de melhoramento (AZEVEDO, HENZ, RODRIGUES, 2019). Os gestos e caminhos percorridos com a pesquisa enunciam uma simpatia possível entre as capturas da reconhecimento, tentando sustentar uma presença, manejando e investigando entre camadas em mim da moralidade, do obscuro, das lamentações, do sutil, do insignificante.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Adriana Barin de; HENZ, Alexandre de Oliveira; RODRIGUES, André. Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo. In: MENDES, Rosilda; AZEVEDO, Adriana Barin de; FRUTUOSO, Maria F. Petrolí (Orgs.). Pesquisar com os pés – deslocamentos no cuidado e na saúde. São Paulo: HUCITEC Editora, 2019.

BAREMBLITT, Gregório F. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 5. ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Félix Guattari, 2002.

BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

BEY, Hakim. TAZ, Zona Autônoma Temporária. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

CAPONI, Sandra. A lógica da compaixão. Trans/Form/Ação, Marília, v. 21-22, n. 1, p.91-117, 1998/1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731999000100009&lng=en&nrm=iso. Último acesso em 22/01/2021

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Morte como quase acontecimento. Trechos transcritos de palestra realizada em São Paulo em 16/10/2009, no programa Café Filosófico. Instituto CPFL. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2017/07/31/eduardo-viveiros-de-castro-prefiro-viver-em-um-mundo-que-as-pessoas-esquecem-mas-nao-perdoam-do-que-em-um-mundo-que-as-pessoas-perdoam-mas-nao-esquecem-eu-lembra-va-de-que-estava-tendo-uma-conversa/>. Último acesso em 31/01/2021

“Transformação” na antropologia, transformação da “antropologia”. *Mana* [online]., n.1. vol.18, 2012, p.155

Comitê Invisível. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. N-1 edições, São Paulo, 2016.

DELIGNY, Fernand. *Semente de crápula. Conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedade de controle. In *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 221.

ESPÓSITO, Roberto. *Filosofia e Biopolítica*. Trechos transcritos de palestra realizada em Buenos Aires em 25/09/2006 (Trad. Marcos Vinícius Xavier de Oliveira). Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2017/06/19/comum-como-podemos-gerar-imunidade-mais-fragil/> Último acesso em 08/01/2021

FIGUEIREDO, L. C. A militância como modo de vida. *Cadernos de Subjetividade*, v.1(2),1993.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1998.

GIACÓIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. (Col. Focus, 6).

HANSEN, J. P. "O imortal" e a verossimilhança. São Paulo: Teresa, revista de Literatura Brasileira, 2006.

HENZ, Alexandre Oliveira et al. Cabeça Dizpensa, corpo desvago: experimentações de um Laboratório de Sensibilidades. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2017, vol.29, n.2, pp.96-102. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n2/1984-0292-fractal-29-02-00096.pdf>. Último acesso em 11/10/2020.

INFORSATO, E. A. *Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum*. 2010. 217f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em

Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-104547/pt-br.php>. Último acesso em 3/4/2019.

PELBART, P. P. Transcrição do mini Curso Desejo - História e desnaturalização do amor e do desejo como falta: Platão, Shopenhauer e Nietzsche., ministrado na I Jornada de Psicologia da UFSM, 1997. Disponível em <<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2014/10/31/historia-e-desnaturalizacao-do-amor-e-do-desejo-como-falta-platao-shopenhauer-e-nietzsche-nada-falta-ao-desejo-nao-lhe-falta-o-seu-objeto-e-o-sujeito-sobretudo-que-falta-ao-desejo-ou-e-ao-desej/>> Último acesso em 31/01/2021.

_____. Vida capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. Por uma arte de instaurar modos de existência que não existem. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 2014.

_____. Ensaios do assombro. N-1 edições, 2019.

TCHEKHOV, A.P. O Assassinato e Outras Histórias. 4 ed. São Paulo: Ed. Cosac & Naif, 2015.

ZOURABICHVILI, F. (2000). Deleuze e o Possível: *sobre o involuntarismo na política*. In: E. Alliez (Org). Deleuze: uma vida filosófica. (pp. 491-333). São Paulo: Editora 34. Disponível em < <https://blogdacricri.wordpress.com/2013/01/16/deleuze-e-o-possivel/>> Último acesso em 11/09/2020.